Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Tecnologia - Campus de Presidente Prudente

4º PRÊMIO CARCARÁ

CONCURSO LITERÁRIO FCT UNESP

Democracia e Cidadania: para além de sonhos e utopias



"Pai, onde quer que esteja, saiba que tudo mudou com seu desaparecimento, porém, 60 anos depois do Golpe, você simplesmente está aqui. Sinto, como naquele último dia, na sorveteria, a sua mão sobre o meu ombro e ouço a sua voz. Pai, a sua luta pela democracia ainda é a nossa luta!"

Divino José da Silva

"No luto da repressão, o que nasceu? Uma criatividade sem igual. Os artistas, como verdadeiros guerrilheiros da palavra e da cor, transformaram a dor em poesia e música; as telas e as páginas carregaram, nas entrelinhas, a crítica à opressão, multiplicando-se em canções e obras que ecoaram, mesmo quando silenciadas por mão pesada da censura."

Anderson da Costa Neukamp

FCT unesp

4º PRÊMIO

CARCARÁ

CONCURSO LITERÁRIO FCT UNESP

Democracia e Cidadania: para além de sonhos e utopias

Organizadores:
Cristina Maria Perissinotto Baron
Ricardo Pires de Paula
Eliane Maria Vani Ortega
Micheli Antonia Oshima
Alessandra Kuba Oshiro Assunção
Virginia de Souza Nicoluci
Thaisa Sallum Bacco

Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia Presidente Prudente
2025

Capa: Claudio dos Santos de Oliveira

Impressão e Diagramação: Gráfica CS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

4º Prêmio Carcará [livro eletrônico] : Concurso Literário FCT Unesp / organização Cristina Maria Perissinotto Baron...[et. al]. -- Presidente Prudente, SP : Gráfica CS, 2025.
ePub

Vários autores.
Outros organizadores: Ricardo Pires de Paula, Eliane Maria Vani Ortega, Micheli Antonia Oshima, Alessandra Kuba Oshiro Assunção, Virginia de Souza Nicoluci, Thaisa Sallum Bacco.
ISBN 978-85-68898-64-2

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. Crônicas brasileiras - Coletâneas 3. Poesia brasileira - Coletâneas I. Baron, Cristina Maria Perissinotto. II. Paula, Ricardo Pires de. III. Ortega, Eliane Maria Vani. IV. Oshima, Micheli Antonia. V. Assunção, Alessandra Kuba Oshiro. VI. Nicoluci, Virginia de Souza. VII. Bacco, Thaisa Sallum.

25-265633 CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

4º PRÊMIO

CARCARÁ

CONCURSO LITERÁRIO

FCT UNESP



Aos meus colegas agora
deixo esta recordação
lembrando que algum dia
faremos a renovação.

COMISSÃO ORGANIZADORA / FCT UNESP

Cristina Maria Perissinotto Baron
(Diretora da FCT)

Ricardo Pires de Paula
(Vice-diretor da FCT)

Alessandra Kuba Oshiro Assunção
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Eliane Maria Vani Ortega
(Depto de Educação)

Fatima Regina Lucas
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Helber Henrique Guedes
(Aluno – Graduação em Geografia)

Micheli Antonia Oshima
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Silvana Silgueiro
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

Virginia de Souza Nicoluci
(Diretoria Técnica de Biblioteca e Documentação)

COMISSÃO JULGADORA

Eliane Maria Vani Ortega
(Depto de Educação - FCT/Unesp - Presidente Prudente)

Berta Lúcia Tagliari Feba
(Professora de Língua Portuguesa da Educação Básica)

Nanci Moreira Branco
(Educação Básica - Secretaria da Educação do
Estado de São Paulo - Presidente Prudente)

Patrícia Regina de Souza
(Educação Básica - Secretaria Municipal de Educação de Rancharia-SP)

Solange Moura Lima de Aragão
(Depto de Planejamento, Urbanismo e Ambiente - FCT/Unesp -
Presidente Prudente)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 9

PREFÁCIO I 11
PREFÁCIO II A MÁQUINA DO TEMPO 15

CONTOS 21

Você simplesmente está aqui 23
A história que não podia ser contada 27
O último cigarro 30
Os vocábulos e o silêncio 34
Democracia kantiana 37
Cidadão 41
Liberdade! Liberdade! 46
A preceptora 50
Vivências 54
Vermelho de quê? 58
Ecos do passado 61
Jantar! 64
Vozes do passado e do futuro 67
Eco de sorrisos 70
O canto dos oprimidos 73

CRÔNICAS 77

Entre a ditadura e a esperança 79
Divagações democráticas 82
O grande debate das cadeiras 85

Caros amigos....88
O grito das excluídas....90
Mamãe resistiu....93
"É que serve de farol"....96
Memória e justiça: a importância de lembrar para não repetir....99
MPB - a canção da liberdade....102
Democracia e cidadania: um manual de sobrevivência....105
A melhor herança....108
História real de um personagem fictício....111
Crônica sobre um conto de fa(r)da....114
Ainda na mesma, querido Paulo Freire!....117

POEMAS....121

Sombra e luzes....123
Para além do horizonte....125
Ecos em marcha....127
Democracia viva: ecos de liberdade e resistência....129
Democracia em verso....131
Democracia....133
País tropical....135
Ecos do passado....137
A urgência do agora....139
O trem do Brasil....141
Lembranças amargas....143
Grafiti (pela democracia)....145
Vozes de chumbo, sementes de liberdade....147
A ditadura em meu país....149
Soneto em defesa da democracia....151

AUTORES....153

APRESENTAÇÃO

A Faculdade de Ciências e Tecnologia da Unesp, Campus de Presidente Prudente, lançou em 2020 o primeiro concurso literário denominado "Prêmio Carcará", cujo objetivo é incentivar a criação artística e a autoexpressão literária, estimulando a reflexão, o gosto pela leitura e escrita, suscitando a circulação de novos autores no meio universitário.

O nome Prêmio Carcará foi pensado a partir de uma alusão ao informativo criado pelo Diretório Acadêmico "3 de Maio da FCT/ Unesp de Presidente Prudente", o "Carcará" que era composto de uma estrutura informativa de ações que abordavam críticas políticas e artísticas de âmbito local, regional e nacional. Criado no ano de 1976, em meio ao período do regime da ditadura militar brasileira, o boletim visava, sempre com bom humor e conteúdo argumentativo, (considerados ofensivos por setores mais conservadores da instituição) combater e contestar episódios autoritários e repressivos, ações comuns à época do comando militar.

Nesta premissa, identificamos o boletim de 76 como a identidade do concurso literário, relacionando o momento impositivo de isolamento social, bem como, a situação nunca vivida até o momento com a oportunidade de extrair reflexões criativas contribuindo com o bem-estar da comunidade.

Em meio ao caos pandêmico, o Prêmio surgiu com a intenção de que a comunidade da FCT/Unesp pudesse expressar sentimentos e reflexões com relação ao momento que estávamos vivenciando sob a temática "Pelas janelas: reflexões em tempos de isolamento". Na segunda edição, o propósito era que os participantes pudessem refletir sobre a retomada presencial das atividades com o tema "Como será o amanhã? Reflexões sobre a retomada presencial".

Na terceira edição, celebramos a história e a essência da FCT com o tema "65 anos da FCT: a minha, a sua e a nossa história". Os membros da comunidade acadêmica e de Presidente Prudente e região puderam compartilhar suas vivências e perspectivas.

Nesta quarta edição, o concurso buscou refletir acerca dos 60 anos do golpe de 1964 e dos 40 anos do movimento das Diretas-Já com o tema "Democracia e Cidadania: para além de sonhos e

utopias". Efemérides fundantes dos processos de (re)construção da democracia em nosso país, ainda que em momentos distintos e com consequências diversas. Os autores refletiram sobre esses acontecimentos à luz do que somos hoje e do que pretendemos alcançar em relação aos direitos, liberdades, inclusão e diversidade.

PREFÁCIO I

Muita gente insiste que a educação a distância ou a universidade do mundo digital irá substituir as experiências que a "escola de carne e osso" proporciona ao jovens estudantes e professores que convivem com eles no dia a dia da sala de aula. Afinal, a Internet expandiu os horizontes da comunicação e nossa conectividade vem atingindo dimensões inimagináveis, não é mesmo? Está aí a Internet das coisas e as ferramentas da inteligência artificial para não nos deixar mentir. Sim, é verdade. O mundo está passando por transformações sem precedentes com a disseminação de novas tecnologias. Com o acesso à internet, temos a capacidade de aprender a qualquer hora e em qualquer lugar. Plataformas online, redes sociais e vídeos educativos adicionam novas dimensões ao nosso aprendizado. A tecnologia nos permite não apenas consumir conhecimento, mas também compartilhar ideias e experiências, criando um ciclo contínuo de aprendizado colaborativo e um leque enorme de possibilidades de ampliação do conhecimento do planeta e das sociedades que o habitam.

Sabemos também que as escolas dependem cada vez mais de grande quantidade de dados armazenados e processados pelas plataformas digitais, que se transformam em diversas formas de ganhar dinheiro com um produto, serviço ou conteúdo. Afinal, as plataformas digitais operam com uma variedade de modelos de negócios, incluindo publicidade (Google, Facebook), taxas de transação (eBay, Uber), assinaturas (Netflix, Spotify) e vendas diretas (Amazon). Isso lhes permite capturar a riqueza gerada em múltiplas fontes, processo denominado de plataformização do mercado mundial. Há quem acredite que esse é um processo irreversível que levará à extinção das escolas, das bibliotecas, dos livros. Será? Tenho muitas dúvidas do real impacto dessas inovações no processo de aprendizagem, na formação do gosto pela leitura ou no encantamento pelas fronteiras do conhecimento. E nessa corrida tecnológica, qual seria o lugar da escola e da produção de livros?

Respostas a esta pergunta já surgiam durante a pandemia, quando fomos todos lançados às experiências intensivas no meio digital, no mundo das teleconferências e da transmissão quase

ilimitada de dados. Uma revolução tecnológica esperada para os próximos cinco anos, mas que teve de ser compartilhada rapidamente por causa do isolamento social, acentuando as diferenciadas condições de acessibilidade e deixando muita gente para trás. No meio desse turbilhão, vivenciamos no dia a dia como a informação pode ser manipulada. Em lugar dela esclarecer, como pode confundir e como o mundo das bolhas é uma fábrica de fábulas e mitos.

Na realidade, o mundo transformado pelo mercado das plataformas explora as pessoas através do endividamento e está deixando as crianças doentes. É por isso que muitas escolas começaram a despertar pelo desencanto com as técnicas, acompanhada por uma gradativa recuperação do bom senso. Progressivamente, passamos a observar a volta do caderno e do lápis, da leitura coletiva e em voz alta, do movimento de deixar os celulares distantes das salas de aula. Mais do que isso, a descoberta de que a escola vai muito além desses limites formais e está presente em cada esquina, em cada encontro e em cada desafio. Enfim, a escola que todos nós possuímos é, na verdade, um microcosmo do mundo e a escola como parte do mundo propõe um aprendizado mais holístico e integrado às experiências reais da vida. É a escola mais conectada com o que acontece no mundo. É a escola no mundo, é a escola com o mundo.

Creio que foi desta transformação que surgiu o "Carcará". Estávamos no meio pandemia e o desafio de participar da escrita criativa e da possibilidade de publicar seu texto num livro era uma forma de nos encontrar, de nos sentir parte de uma comunidade. E, assim, já se foram quatro anos e o Carcará se transformou numa série de livros, reunindo a produção literária da nossa comunidade universitária expandida - docentes, estudantes e servidores técnicos, mas também nossos parceiros de diferentes localidades; todos dispostos a "furar a bolha" que nos encontrávamos nos ambientes de ensino remoto.

O presente volume, 4ª edição do "Carcará", é uma prova viva da importância da escola presencial na vida das pessoas. Da promoção de encontros, em princípio, improváveis entre as pessoas. Haja animação, imaginação, descobrimentos, convites, mestres e amigos... Leia os escritos dos autores. Você se surpreenderá!

Sim, o Carcará é uma expressão viva de que a escola é movida

pela potência do encontro. É isso que chama a atenção nos trabalhos aqui reunidos. A experiência de mudança no foco narrativo ou a escolha de personagens secundários que vivem à margem e que podem oferecer diversos pontos de vista.

Enfim, textos e imagens estão por todos os cantos e podem ser rapidamente deslocados para qualquer lugar. Estamos soterrados de discursos! Essa movimentação toda faz muito barulho porque as pessoas não sabem mais ficar em silêncio. É por isso que mais do que nunca a escola é um espaço imprescindível. Ela nos faz pensar a respeito do ato escrever e do que é ser um autor. Tarefa nada fácil numa época marcada por excesso de textos.

Carlos Drummond de Andrade diria: "escrever é cortar palavras". Escrever é escolher o que deixar de fora. Degustar as palavras, digeri-las. Permitir-se, num estado subjetivo, ouvir o que diz o silêncio. Você está com vontade de rir? Quer chorar? Está apaixonado ou preocupado com alguma coisa? Pelas frestas deixadas no meio de tudo isso, vamos nos deliciar com as nossas histórias! Até mesmo porque a elas se somam muitos outros problemas que havíamos adiado ou esquecido, mas eles estão aí: falta de água, fome, emprego. Viva a escola! Viva mais um volume da coleção "Carcará"!

Raul Borges Guimarães
Professor Titular do Departamento de Geografia da FCT
Pró-reitor de Extensão universitária e Cultura da Unesp

PREFÁCIO II

A MÁQUINA DO TEMPO

Várias das narrativas e contos que você poderá ler nas páginas deste livro foram escritas por pessoas que não viveram os "Anos de Chumbo" da ditadura militar no Brasil (1964/1985), o que de certa forma surpreende pela proximidade com o clima dos fatos, algo muito difícil de capturar recorrendo à história. Nas narrativas é possível vislumbrar a empatia com a democracia, com a resistência à ditadura, com o sofrimento das vítimas, mas sem escancarar as dimensões das tragédias que se abateram sobre os corpos; mas existe tragédia maior que a perda do pai, da mãe, do filho, do irmão; que a dor do desaparecimento, a dor da espera, a dor da não-volta?

As narrativas se referem basicamente aos 60 anos do Golpe Militar, de 1964, e aos 40 anos das "Diretas-Já", de 1984, momentos históricos que tive a oportunidade de vivenciar. Vivi, portanto, as perdas e os danos e, na dinâmica do possível, resisti, pois "resistir era preciso" (Alípio de Freitas, padre português, guerrilheiro no Brasil), mesmo com as implicações que se abatiam sobre os ombros. No dia 13 de março de 1964, com 16 anos de idade, ouvi pelo rádio o "Comício da Central do Brasil", na cidade do Rio de Janeiro. Queria ouvir as "reformas de base" que tanto se falava, para defender ou para atacar o João Goulart. Eu queria a reforma agrária, isso até me bastava, e ela foi anunciada, com as limitações de que só as terras ao longo das rodovias e ferrovias seriam desapropriadas para a sua execução. Lembro-me que no dia seguinte a reação regentense dizia que "o comunismo iria tomar conta do Brasil". Até pobre fazia o sinal da cruz antes de pronunciar o nome do presidente João Goulart.

João Goulart, o Jango, não era comunista, era dono de milhares de hectares de terras e de cabeças de gado no Rio Grande do Sul. Era do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), cria político de Getúlio Vargas, e único Ministro do Trabalho a dar 100% de aumento para a classe trabalhadora com carteira assinada. A classe empresarial tinha, portanto, ódio do político gaúcho e

seu ódio aumentou quando Jango se aproximou da China e da União Soviética no auge da Guerra Fria. O presidente dos EUA, o democrata John Kennedy, pedia para se "tomar cuidado" com o Jango. Desde 1947, desde Truman, o Brasil havia sido transformado num "quintal dos Estados Unidos" e isso explica muita coisa, inclusive a morte de Getúlio Vargas. Os norte-americanos detestavam um Estado intervencionista no Brasil, desde a ditadura de Vargas, que ajudaram a derrubar.

Minha identidade com o governo Goulart se remete aos idos de 1962 quando era notório o novo Brasil que parecia emergir. Um Brasil com a organização da classe trabalhadora em sindicatos progressistas e com as Ligas Camponesas avançando na luta no Nordeste. De repente Francisco Julião e Gregório Bezerra, líderes das Ligas Camponesas, ocupavam as primeiras páginas dos jornais como os grandes políticos e as celebridades, como Pelé. Destaque-se ainda o cinema, onde o filme "O Pagador de Promessas", com base na peça teatral de Dias Gomes, e sob a direção de Anselmo Goulart, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Nesta época emergia Glauber Rocha, cineasta baiano que ganharia projeção mundial dois anos depois, com o filme "Deus e o Diabo na Terra do Sol".

Naqueles idos tudo o que não estivesse na esteira de um Brasil atrelado aos interesses dos EUA era visto como "comunista", como o Cinema Novo, a literatura, a alfabetização ligada ao método de Paulo Freire e os Centros Populares de Cultura, que haviam sido criados na cidade do Rio de Janeiro em 1961. O clima era de esperança, se apostava muito no Brasil com futuro melhor, mas não se sabia direito o que se passava nos bastidores, o que se "suspiravam pelas alcovas" (Chico Buarque). Depois veio o 19 de março com o "Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade", organizado pelas madames reacionárias da cidade de São Paulo, entre elas a mulher do governador, a Leonor de Barros. A corporativa imprensa paulista noticiou como tendo 1.000.000 de pessoas, o que, efetivamente, me assustou. A dinamite estava colocada, restava agora acender o rastilho, o que ocorreu no dia primeiro de abril, duas semanas após o Comício da Central.

Morava num bairro periférico em Regente Feijó e trabalhava no centro, na filial da Brasimac de Presidente Prudente, na Avenida José Bonifácio. Antes de atravessar a linha do trem, vi vários soldados da Força Pública de Presidente Prudente na Estação, e antes de chegar no local de trabalho encontrei com pessoas dizendo que as lojas não haviam aberto suas portas. Era primeiro de abril, não era mentira, era uma trágica verdade: os militares haviam deposto o presidente eleito João Goulart e assumido o controle do país. Muita gente presa, deputados federais do PTB cassados, Gregório Bezerra arrastado pelas ruas de Recife, Miguel Arraes, Jango, Brizola, exilados, Juscelino Kubitscheck cassado, assim como Adhemar de Barros e Jânio Quadros; centrais sindicais fechadas, Ligas Camponesas fechadas, UNE tornada ilegal e seu prédio incendiado na cidade do Rio de Janeiro.

Precisava conversar com alguém, mas com quem, se eu era o único jovem da periferia que estava indignado com o que estava acontecendo? Meu irmão falou para eu não me expor, que poderia sobrar para mim. Os jovens politizados que eu conhecia já haviam saído da cidade para estudar na USP e na Universidade Federal Paranaense. Havia os "pós de arroz" de esquerda (classe média), mas eu não tinha contato com eles. O "Grupo dos Onze", brizolistas de Regente Feijó, ficaram calados. Eu só podia então ficar calado, chorando por dentro. Tempos depois ocorreu a destruição do cinema em Regente Feijó, mas não tinha nada a ver com a política, embora tenha aparecido a manchete "O povo que deixou de ser cordeiro" na primeira página do jornal "O Estado de São Paulo". Regente Feijó tinha fama de ser uma cidade pacífica.

O país entrou num compasso de espera, com a imprensa calada, conivente com uma realidade que ajudara a construir, e os raros jornalistas que tinham a coragem de se opor eram despedidos ou presos como "subversivos". Em 1965, as emissoras de rádio de todo o país apresentaram Maria Bethânia cantando "Carcará", de João do Vale no "Show Opinião", dirigido por Augusto Boal, no Teatro de Arena, em São Paulo. Coube então à cultura, como quase sempre, o papel inicial da resistência ao golpe. Depois veio o Programa "O Fino da Bossa", na TV Record, apresentado por

Jair Rodrigues e Elis Regina, responsáveis por divulgar pérolas incríveis da música popular brasileira como "O Morro não tem Vez", de Antônio Carlos Jobim, o que de certa forma desagradou os militares:

"O morro não tem vez
E o que ele fez já foi demais
Mas olhem bem vocês
Quando derem vez ao morro
Toda a cidade vai cantar

Morro pede passagem
O morro quer se mostrar
Abram alas pro morro
Tamborim vai falar

É 1, é 2, é 3, é 100
É 1000 a batucar

O morro não tem vez
Mas se derem vez ao morro
Toda cidade vai cantar…"

Ainda em 1965, na peça teatral "Pobre Menina Rica", na cidade do Rio de Janeiro, a composição "Pau de Arara" (O Comedor de Gilete), de Carlos Lira e Vinicius de Moraes, na voz de Ary Toledo, ganhou repercussão nacional, entrando no rol das canções de protesto que iriam se acelerar até 13 de dezembro de 1968, quando o Ato Institucional Número 5 (AI-5) colocou a maior mordaça no pouco de liberdade que ainda restava ao país. Fundamental ainda é lembrar que desde o golpe militar de primeiro de abril de 1964 a linguagem cifrada passou a ser utilizada para criticar a ditadura sem maiores riscos. Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, em seus livros FEBEAPÁ (Festival de Besteira que Assola o País) se referia à ditadura ironicamente como "Redentora".

Nesse mesmo ano os candidatos apoiados pelo regime militar perderam a eleição em dois Estados fortes, como o Rio de Janeiro (Negrão de Lima) e Minas Gerais (Israel Pinheiro) fazendo com que acabassem com o pluripartidarismo clássico e introduziram o bipartidarismo fazendo surgir a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), da situação, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro). A Arena vai dar sustentação política à ditadura até os idos de 1974, quando começa a perder posições para o MDB, que havia crescido muito com a crise econômica de 1973.

Em 1967 começou uma tentativa de ressurgimento do movimento estudantil, fazendo com que a ditadura acelerasse a repressão dentro e fora das universidades e escolas públicas secundárias. No dia 28 de março de 1968, o estudante Edson Luís foi morto pela repressão militar no Restaurante Calabouço, na cidade do Rio de Janeiro e isso abriu espaço para a "Marcha dos 100.000" contra a ditadura, em 26 de junho de 1968, fazendo com que a ditadura agilizasse mais ainda a força repressora contra os que a contestavam. No dia 2 de setembro, na Câmara dos Deputados, o deputado carioca Márcio Moreira Alves faz um discurso forte contra a ditadura militar e esses, ofendidos, pedem que a Câmara o condene, mas ele é absolvido inclusive com votos de deputados federais da ARENA. A história nos ensina que foi esse gesto que levou à implantação do AI-5, três meses depois.

No dia 12 de outubro de 1968, 800 estudantes universitários foram presos em Ibiúna, quando tentavam organizar o congresso clandestino da UNE. Entre os presos estava o estudante Ruy Carlos Vieira Berbert, de Regente Feijó, que depois entraria na luta armada contra a ditadura e seria dado como desaparecido, até a confirmação de sua morte em 1993. No dia 13 de dezembro, o "Dia do Cego", o presidente Marechal Arthur da Costa e Silva assinou o famigerado Ato Institucional Número 5, o AI-5, dando origem aos terríveis "Anos de Chumbo", onde centenas de pessoas foram presas, muitas torturadas, muitas mortas, muitas dadas como desaparecidas. A repressão se organizou principalmente nas grandes capitais, com as polícias militares estaduais se transformando em braço armado da ditadura contra os agrupamentos que se formaram para a resistência.

Em 1970, a Força Pública e a Polícia Civil foram unificadas, gerando a Polícia Militar do Estado de São Paulo, no seio da qual surgiu o DOI-CODI, que torturou e matou várias pessoas, entre os quais o jornalista Vladimir Herzog. O Brasil entrou então na "paz dos cemitérios", onde sair de casa e desaparecer passou a ser coisa do cotidiano, como aparece em vários contos desse livro.

José Caetano Silva
Professor universitário aposentado, tendo trabalhado 28 anos como professor da FCT/Unesp e sido vereador pelo PT durante três mandatos

CONTOS

Divino José da Silva

Você simplesmente está aqui

Aconteceu na madrugada de um domingo chuvoso de dezembro de 1968. Não me recordo exatamente o dia do mês. Fomos acordados com fortes batidas na porta. Quatro policiais invadiram a nossa casa. Entraram armados, gritando pelo meu pai. Um deles berrou, com uma voz estrondosa: "Saia com as mãos para o alto". Assim que meu pai se apresentou, levaram-no embora só com a roupa do corpo. Tudo isso durou menos de cinco minutos. Corremos até o portão. O nosso pai foi jogado na traseira de um camburão e a tampa fechada, bruscamente, como que para esmagá-lo. Eu e Lina nos agarramos à nossa mãe, implorando para que não deixasse levá-lo. Ela, trêmula e com voz engasgada, repetiu: "Ele vai ficar bem! Ele vai ficar bem!" Agora estávamos os três ajoelhados e abraçados, pedindo aos céus que nada de ruim acontecesse a ele. Nossas lágrimas foram lavadas pela chuva. O frio, o medo e o desassossego fizeram morada em nós.

Naquela manhã, mal havia clareado o dia, minha mãe deixou-nos na casa da vizinha e saiu em busca do paradeiro do pai. Perambulou por várias delegacias de polícia de Belo Horizonte, porém, o que ouviu foram só informações desencontradas: "Não, não está aqui, mas deve ter sido levado para a Delegacia do bairro de Santa Tereza". Chegando lá: "Pode ser que ele esteja no DOPS, na Avenida Afonso Pena". Mais um longo trecho até o centro da cidade, para ouvir: "Não consta em nossos registros nenhuma entrada com esse nome". E assim foram dias e meses de busca, sem que do pai nada soubéssemos.

Nossa mãe foi-se definhando e virou um fiapo. Pouco comia, quase já não dormia mais. Emagreceu e adquiriu umas olheiras fundas, e a tristeza cobriu de vez os olhos dela. Manteve, sabe-se lá a que custo, a rotina de busca pelo nosso pai. Saía de casa sempre de manhãzinha e só retornava à noitinha, acabrunhada e de alma vazia. As lágrimas secaram. A última informação era a de que o pai havia sido resgatado por comunistas terroristas, no trajeto para a delegacia, no dia da prisão, e desaparecido. Nossa mãe não deixava transparecer que o pior pudesse ter acontecido.

Não entendia por que meu pai fora jogado na traseira de um camburão como um criminoso e levado embora. Lina repetia esperançosa e com os olhos marejados: "Nosso pai vai voltar para o Natal". Eu já planejava passear no parque e tomar soverte com ele, nos finais de semana. Teria de volta o meu olheiro especial, nas

partidas de futebol da escola. Ouviria de novo aplausos e aquele grito: "Chuta a gol, Pedro!" – só porque eu havia tocado na bola. Voltaria a me sentir o maior e o melhor do mundo. Ter meu pai por perto, nessas horas, dava-me a confiança de que nada de ruim poderia nos acontecer. Juntos venceríamos um batalhão.

Dias antes da prisão, fomos à sorveteria. Era um dia quente de final de primavera e o calor era intenso. Em casa, minha mãe havia montado um pequeno presépio. Nas ruas, as músicas natalinas ecoavam de toda parte. A ansiedade tomava conta de mim e de Lina. Meus avós paternos viriam do interior passar o Natal conosco e trariam com eles nossos primos. Estaria armado o clima para a bagunça e autorizadas pequenas estripulias. Assim eram os nossos natais. Naquele dia, o pai escolheu sorvete de creme com abacaxi. Lina e eu, de morango. Ele sempre nos ouvia com paciência e atenção, mas naquele começo de tarde parecia aéreo e desassuntado. Deixou cair um pouco de sorvete na manga da camisa. Estava e não estava ali com a gente. Não deu as gargalhadas costumeiras; não nos perguntou sobre a escola; nem que presentes gostaríamos de ganhar no Natal. Olhei e vi nos olhos dele angústia e sofrimento. Repetia perguntas e palavras soltas. Não tirava os olhos da página do jornal esquecido na mesa ao lado, que estampava a foto de militares e, acima, a manchete principal noticiava algo sobre um novo Ato do governo Costa e Silva.

Quando terminamos, apoiou a mão sobre meu ombro, puxou minha irmã para mais perto dele, apertou-a contra o peito e disse-nos: "Sou tão feliz com vocês, como cresceram e estão bonitos. Pedro logo completará dez anos e você, Lina, doze. Já são mocinho e mocinha. Obedeçam sempre à mamãe e nunca a deixem sozinha. Cuidem dela, assim como ela cuida de vocês. Sejam estudiosos. Respeitem os mais velhos e nunca deixem de sonhar com um mundo melhor". Continuou com voz amorosa, quase sussurrando, "talvez eu tenha que viajar a trabalho. Devo ficar alguns dias longe de vocês e isto me dói muito" — nesse momento, parecia engolir o choro —, "mas preciso ausentar-me por um tempinho. Lembrem-se sempre de que de onde estiver cuidarei de vocês em pensamentos e estarão comigo nos meus sonhos. Saibam que a vida é assim, tem seus percalços. Ela nos dá muito, mas de vez em quando também nos tira".

Eu não sabia o que eram percalços, contudo, balancei a cabeça como se entendesse tudo. Não queria decepcionar meu pai. Quando

chegamos em casa, sem ele por perto, perguntei logo à minha mãe: "o que são percalços"? Ela ficou um pouco pensativa e depois disse: "percalços... percalços... ah... são dificuldades, meu filho, que a gente passa na vida".

Fomos crescendo com a ausência de nosso pai. Em mim, tudo crescia e a saudade dele era maior do que o meu mundo. Lina e eu chorávamos todas as noites e imaginávamos o pior. Estaria nosso pai com fome, frio ou sentindo alguma dor? Quem iria à farmácia da esquina comprar a novalgina para aliviar-lhe as malditas crises de enxaqueca? E a pergunta mais dolorosa, mas nunca pronunciada: estaria vivo?

Assim o tempo foi passando e fomos aprendendo a conviver com a presença ausente de nosso pai. Agora, nossos dias eram cinzas e cheios de percalços: o nosso pai não veio para o Natal daquele ano e nem para nenhum outro Natal!

Pai, onde quer que esteja, saiba que tudo mudou com seu desaparecimento, porém, 60 anos depois do Golpe, você simplesmente está aqui. Sinto, como naquele último dia, na sorveteria, a sua mão sobre o meu ombro e ouço a sua voz. Pai, a sua luta pela democracia ainda é a nossa luta!

Alexandra da Silva Gomes

A história que não podia ser contada

Era uma vez uma cidade chamada **Libertópolis**, que guardava uma tradição antiga, passada de geração em geração. No coração dessa cidade, havia um livro mágico e sagrado, conhecido como o **Livro das Vozes**. Esse livro era especial porque todos podiam escrever nele e compartilhar suas histórias, sonhos, dúvidas e sentimentos.

Qualquer um que quisesse podia se expressar no Livro das Vozes, e todos liam o que os outros escreviam, aprendendo com as experiências de cada um. O livro era a alma da comunidade, reunindo tudo o que as pessoas faziam, pensavam e desejavam para o futuro. Ele funcionava como um guia, iluminando o caminho da cidade.

Mas um dia, tudo mudou. Um grupo cruel tomou conta de Libertópolis e ficou conhecido como os **Sombrios**. Eles se achavam no direito de decidir o que poderia ser escrito no Livro das Vozes. Eles esconderam várias páginas, rasgaram outras e deixaram apenas algumas histórias. A partir de então, proibiram que as pessoas falassem o que pensavam ou tentassem escrever, para que ninguém soubesse a verdade sobre o que estava acontecendo.

Quem desobedecesse aos Sombrios era levado pelos **Guardiões**, uma força opressiva conhecida por sua rigidez e ordens severas. Libertópolis, que antes era um lugar alegre, caiu em um silêncio ensurdecedor. Todos tinham medo de falar, criar ou até mesmo imaginar. Durante anos, ninguém mais soube da história completa da cidade. As pessoas se afastavam, trancavam-se em suas casas e esqueciam suas próprias histórias, perdendo o prazer de compartilhar momentos e lembranças.

Mas nem todos se conformaram com essa situação. Três crianças corajosas, inconformadas com a tristeza que cercava a cidade, decidiram que era hora de agir. Elas se chamavam **Leonal**, **Ulisses** e **Maria** e tinham um objetivo em mente: encontrar o Livro das Vozes e trazer de volta as histórias e os sonhos perdidos da cidade.

Com determinação, os três amigos começaram a percorrer os bairros de Libertópolis, conversando com as pessoas, reunindo aliados e reacendendo a esperança de mudanças. Em segredo,

começaram a reescrever a história da cidade, página a página, mas ainda precisavam recuperar o livro, que guardava as histórias de tempos antigos.

Rumores diziam que o Livro das Vozes estava escondido na **Montanha Sombria**, um lugar cheio de perigos. Então, juntos, partiram em uma grande aventura para recuperar o livro e acabar com o poder dos Sombrios. O caminho não foi fácil. Eles enfrentaram muitos desafios:

A Floresta do Silêncio, onde as árvores pareciam querer impedi-los de falar, sussurrando palavras que ameaçavam calá-los.

A Escada dos Medos, onde cada degrau representava um medo que eles tinham que encarar, obrigando-os a enfrentar seus maiores receios.

A Ponte da Coragem, que só se tornava sólida quando alguém acreditava em si mesmo, exigindo que se unissem e se apoiassem mutuamente.

A cada desafio, os amigos aprendiam algo novo. Juntos, perceberam que todas as vozes são importantes e que sempre é possível reescrever a história quando se une forças. Superar o medo exigia coragem, mas com a ajuda uns dos outros, era possível mudar o presente e o futuro.

Finalmente, após muita luta e perseverança, os Sombrios foram derrotados. O Livro das Vozes foi recuperado e levado de volta ao centro da cidade, onde todos, grandes e pequenos, puderam contar suas histórias novamente.

Libertópolis renasceu como um lugar de alegria, liberdade e imaginação, onde cada voz tinha seu espaço e cada história era celebrada. E assim, a tradição das histórias continuou, passando de geração em geração, como um símbolo da coragem e da união do povo.

Giselli Hara Macedo

O último cigarro

Caio Andrevisa Marti está na mais alta posição do anfiteatro da Universidade Federal de Santa Cruz. Este senhor magro, alto, de cabelos grisalhos e olhos castanhos respira fundo e olha para sua plateia. Ele é o convidado de uma turma de alunos do curso de História que hoje homenageia algumas pessoas, incluindo seu próprio irmão.

São tantos pensamentos, tantas lembranças que ele as repassa mentalmente antes de começar a narrar.

Em 1962 eram uma família tradicional composta pelo pai (João), a mãe (Camille) e três filhos: Cassiano, na época com 16 anos, Caio, com 8 e Carolina com 2. João sempre foi muito rígido na educação dos filhos. Ele trabalhava como sapateiro, enquanto a esposa era costureira, fazendo vestidos em casa para as madames da cidade. A vida sempre foi difícil para eles, mas estavam sempre unidos na fé católica com missas todos os domingos.

Foi em 1964 que esta rotina familiar começou a mudar: Caio não se lembra como, mas seu irmão Cassiano entrou na Universidade para cursar História. João sempre ouviu falar mal dos estudantes universitários e não queria que o filho seguisse este caminho. Ele queria o bem do menino à sua maneira. Queria que ele fosse procurar um conhecido do comércio local, que aprendesse a dirigir para ter um bom emprego, mas jamais saísse de casa para estudar um curso que João não acreditava que daria retorno financeiro no futuro.

Cassiano discutiu muito com os pais, abraçou os irmãos e saiu de casa com uma sacola de roupas, uma rede e um par de sandálias. Ele tentou contato com os pais, mas o pai estava cada vez mais convicto de sua opinião, irredutível em seus valores acreditava verdadeiramente que o Regime Militar era a solução para o país (o fim dos corruptos e vagabundos, como via seu próprio filho). Após um ano sem falar com o filho, João começou
a dizer para as pessoas que tinha apenas um casal de filhos, algo que deixava Caio bastante constrangido, mas sabia que o pai lhe daria uma surra caso o questionasse.

Toda quinta-feira, na saída da escola, Cassiano passava para levar o irmão mais novo para um passeio em sua Vespa. Eles iam para um lugar afastado, bem arborizado. Eles fumavam um único cigarro, conversavam e retornavam para que a família não

percebesse a falta foi menino que alegava treinar futebol em um campinho nestes dias. Eles falavam sobre a família, as namoradinhas, mas também sobre a política opressora e antidemocrática que o país estava vivendo. Nunca ficou claro para Caio qual o papel do irmão mais velho nos movimentos estudantis e quão envolvido ele estava na luta pelos direitos civis.

Certo dia, Cassiano chegou muito agitado na porta da escola e disse que não poderia sair com o caçulinha. Por mais que o menino perguntasse, não conseguiu entender o que se passava. Cassiano disse que precisaria passar um tempo fora e lhe entregou dois maços de cigarro com a seguinte promessa:

-Não deixe ninguém saber disso e fume apenas um a cada quinta feira. Eu voltarei numa destas, antes que eles acabem.

Com abraço mais apertado que o habitual, afastou-se e para Caio dar um beijo na irmã por ele.

Toda quinta-feira era sempre de muita ansiedade para Caio ao sair da escola. Olhava para todos os lados procurando por uma camisa colorida na multidão.

Em casa, o pai aplaudia os atos da polícia e do exército contra os opositores, enquanto que a mãe pedia em silêncio, em orações, que o filho mais velho não estivesse envolvido em algo que ela considerasse errado.

Pouco mais de nove meses se passaram e parecia que o garoto iria explodir sem saber o que fazer e sem ter a quem perguntar. Um dia, quando já estava no penúltimo cigarro, uma jovem loira de olhos castanhos, cerca de 20 anos, apareceu na porta da escola e gritou:

-Alguém aqui conhece o Tcha?

Este era o apelido secreto que Caio havia ganhado de Cassiano em um dos dias de passeio. Sentiu um arrepio percorrendo suas costas, mas foi até a moça e se apresentou.

Esta lhe entregou um maço de cigarros e pediu para o garoto aguentar mais um pouco, pois Cassiano, que ela disse ser seu noivo, havia sido preso e ela não poderia contar detalhes para a segurança do garoto. Caio chorou muito, mas entendeu o recado. O irmão já havia lhe explicado que algumas pessoas estavam sumindo por terem opiniões diferentes do governo.

Mais alguns meses de ansiedade e o último cigarro chegou. Foi o último da vida de Caio. Sem o irmão não tinha graça fumar, ser

rebelde ou mesmo ser feliz. Parecia que iria morrer sem saber porque o irmão ou a noiva não apareceram. Estariam presos ou mortos?

No começo do ano seguinte, Caio mudou de escola, mas não sem antes contar para todos os colegas que ele era o Tcha e que se alguém viesse procurá-lo deveria ir em sua nova escola perto do centro. Ele temia que o irmão o procurasse e não o encontrasse. Foram anos de angústia até se convencer de que o irmão não voltaria e de que o pai não mudaria de ideia.

Tcha tornou-se eletricista e saiu da casa dos pais aos 18 anos. Casou se com uma colega do Ensino Médio com a qual teve dois filhos. Seu coração, além da Doença de Chagas, ainda carrega o medo de pensar no quanto seu irmão possa ter sofrido, sido torturado, passado fome… Acompanhou, anos depois, todos os relatos de sobreviventes e matérias sobre presos e desaparecidos políticos na tentativa de entender melhor o que ocorreu.

Hoje, 20 de agosto de 2018, Caio veio contar isso para uma multidão de jovens convidados por seu filho mais velho (professor de História do Brasil e que também ganhou o nome de Cassiano). Ele aceitou falar porque teme pelo futuro. Ele vê adolescentes com a mentalidade de seu pai e sente calafrios quando lê notícias sobre as eleições em seu país. Seu pior pesadelo é que um dia, um de seus netos seja separado do resto da família e ele fará o que puder para gritar e tentar evitar que o passado se repita como um ciclo de maldições.

Thaise Lis Nascimento

Os vocábulos e o silêncio

Alice se sentava na varanda todos os dias ao entardecer, como se aguardasse algo que nunca chegava. O silêncio do pequeno vilarejo em que vivia era interrompido apenas pelo som de crianças brincando ao longe e pelo farfalhar das folhas nas árvores, que balançavam suavemente com o vento. Era outono. Ela observava o horizonte, onde o sol se despedia devagar, tingindo o céu com tons de laranja e vermelho, cores que sempre lhe lembravam o sangue derramado naquelas décadas de escuridão.

Já faziam sessenta anos desde o golpe, o fatídico golpe rasurador de histórias. Sessenta anos desde que o país mergulhara em uma ditadura que silenciara vozes, sonhos e esperanças. Alice sabia bem o que era viver com medo. Ela havia perdido muito – amigos, companheiros, o esposo amado. João Gil havia sido mais uma vítima das forças que sufocaram a nação. Ele era jornalista, mas suas palavras escritas com fervor e coragem tornaram-se perigosas. O regime o calou, como tantos outros.

No entanto, Alice nunca se calou. Seus poemas, escritos com uma beleza que escondia a dor, sempre foram sua maneira de resistir. Durante a ditadura, as palavras se tornaram um campo de batalha. Enquanto muitos se escondiam atrás do silêncio imposto, ela encontrou na poesia um refúgio, uma arma, uma maneira de lembrar que, mesmo quando as bocas eram fechadas, o pensamento e a arte continuavam livres. Em suas estrofes, João ainda vivia. Ele estava presente nas metáforas, nos versos ambíguos que falavam de amor e morte, de repressão e liberdade.

Após o golpe, a repressão imposta pela ditadura sufocava como uma névoa que cobria a nação. Muitos artistas, como ela, encontraram nas entrelinhas a única forma de expressão. Escrever era um risco, mas a poesia, por sua natureza enigmática, abria brechas na censura. Alice escrevia sobre flores e pássaros, mas, entre as rimas suaves, suas críticas ao regime ecoavam. Seu caderno, mantido em segredo, passava de mão em mão, alimentando a resistência com suas palavras. "A poesia não morre", costumava dizer para si mesma.

Quando as Diretas aconteceram, Alice voltou a ter esperança. A nação gritava por democracia. Ela se envolveu com o movimento, caminhando nas ruas, segurando faixas, sentindo no peito o calor de uma multidão que, assim como ela, ansiava por um

novo começo. A democracia estava a um passo de ser reconquistada. Mas, naquele tempo de esperança, João Gil já não estava mais ao seu lado para ver a luz que surgia no horizonte.

O fim da ditadura trouxe uma nova era para o Brasil, e a poetisa testemunhou o renascimento das liberdades. No entanto, em seu coração, a ferida pela perda de Gil nunca cicatrizou. Havia sobrevivido aos anos de chumbo, mas com um vazio que nem os ventos da democracia podiam preencher. Ela continuou a escrever, agora com a liberdade que antes lhe fora negada, mas sempre com uma saudade amarga. Seus versos tornaram-se mais suaves, mais serenos, porém nunca menos profundos.

Naquele dia, exatamente sessenta anos após o golpe de 1964, Alice olhava para o céu e pensava nas lutas que enfrentaram. A efeméride trazia memórias dolorosas, mas também um orgulho silencioso. Seu país havia passado por momentos terríveis, mas ali estava, reconstruindo-se. Ainda não era a democracia plena que sonhara, ainda havia muito a ser feito, mas havia vida, havia voz.

Ela pegou o caderno velho, o mesmo de décadas atrás, e começou a escrever: "Resistimos em silêncio,
Onde o verbo era proibido.
Na flor, escondemos a luta,
Na pátria, o sonho perdido."

Ao terminar, fechou o caderno e o abraçou junto ao peito. A poesia nunca se calaria. Ela sobreviveria a regimes, governos e a qualquer tentativa de apagamento. A poesia, assim como a democracia, tinha raízes profundas, e ainda que fosse arrancada, renasceria.

Enquanto a noite caía e o mundo se cobria de escuridão, ela sabia que o amanhã traria um novo dia, uma nova chance de continuar lutando, ou não – nas ruas, nas palavras, e no coração de todos que ainda acreditavam em um Brasil livre.

Felipe Andrade Farah

Democracia kantiana

Era uma tarde qualquer de um inverno nostálgico, narrava Julião. Na lousa, o professor Balikian escrevia com frieza a ementa a ser percorrida. Não lhe importavam as circunstâncias que viriam, mas simplesmente o cumprimento do que no quadro negro estava exposto, fazendo analogia, então, à teoria filosófica de que "somos escravos de nossa liberdade".

Dentre todos os filósofos mencionados, um chamou-me a atenção: Immanuel Kant. Não por afinidade de conteúdo, mas pelo simples fato de que, segundo o professor, não conseguiríamos ler a sua obra com facilidade, que o seu livro de setenta e poucas páginas poderia ser lido em, no máximo, três páginas por hora.

Isso foi uma afronta à minha vaidade de ótimo aluno e, como quem estava louco para "experimentar do fruto proibido", resolvi ir até a biblioteca para emprestar aquela obra. Como de costume, criei um diálogo com o livro e resolvi bater um papo com o tão renomado pensador:

- Diga-me, Immanuel, do seu ponto de vista, no que consiste a democracia?

- Julião, querer resumir a democracia num único conceito é impossível! Mas, podemos começar a perscrutar nesta questão. Pense numa cadeia de ideias que se conectam o tempo todo, numa harmonia racional...

- Não entendo.

- É simples. Podemos começar pela purificação do conhecimento empírico pela razão pura. E como isso funciona? É necessário limpar o nosso conhecimento maculado pelos instintos para que tenhamos um conhecimento verdadeiro, livre das falhas que só os sentidos podem trazer. Ficou claro agora?

- Acho que sim. Um conhecimento baseado nos sentidos, que são falhos, muito provavelmente também será falho, certo?

- Corretíssimo! E agora podemos partir para a "boa vontade".

- No que consiste?

- Há uma Lei Moral Suprema que precisamos alcançar por meio da razão pura, através de um conhecimento livre dos sentidos, sim?

- Até aí, consegui compreender.

- Ótimo! O próximo passo é agir por uma vontade que não apenas esteja de acordo com a lei Moral Suprema, mas muito além disso, que seja exercida por "respeito" a essa Lei! Isso não é tão simples. Veja o exemplo das pessoas que dão esmola aos mendigos, as mesmas só praticam esse ato por ficarem felizes com isso e não por respeito à Lei Moral. Certo?

- Com sinceridade, acho que sim.

- Julião, tais atos merecem estímulo, mas não estima, ou seja, tais atos estão longe de ser moral.

- E onde entra a democracia, Sr. Kant?

- Calma! Chegaremos lá. Tenho uma confissão a lhe fazer a respeito do que venha a ser a Lei moral Suprema. Tal Lei é quase impossível de ser conceituada e, até mesmo, praticada.

- Meu Deus! Como assim?

- Porém, Julião, para que alguém aja moralmente, eu deixo aqui o meu "imperativo categórico" que consiste na seguinte máxima: "Aja de tal modo que a sua conduta possa ser universalizada sem causar prejuízo nenhum para a sociedade". Assim, o sujeito irá consultar a razão antes de agir, buscar agir por respeito à Lei, tendo como base este imperativo, sabendo que o que se faz aqui, um dia tende a voltar. É "o feitiço virando contra o feiticeiro". Entendeu, Julião?

- Sim, mas, e a democracia? Onde entra?

- Calma, eu chego lá! Agora imagine que cada pessoa funcione como um legislador e, ao mesmo tempo, um praticante da Lei Moral Suprema, consultando a razão antes de agir, agindo por respeito à Lei, longe dos instintos e quaisquer inclinações, tendo como base este imperativo categórico, e que todos ajam moralmente, tendo a moralidade como a expressão máxima da democracia e de todo o Direito... consegue imaginar?

- Entendi!!! Agora tudo faz sentido, Sr. Kant!

- Falta agora uma sociedade ainda mais democrática, constituída num "Reino dos fins!"

- É tudo fascinante! Como funciona?

- Eu lhe disse que cada sujeito deve funcionar como um legislador e um praticante da Lei Moral Suprema, certo?

- Certo.

- Mas tem uma última questão para fecharmos esta concatenação de ideias: as pessoas nunca devem enxergar as outras como um meio para se alcançar algo, mas sempre como um fim em si mesmas. Assim, não tratamos pessoas como objetos e a tão esperada "democracia" pode existir no seu mais alto esplendor, sem espaço para barganha e utilitarismo nas relações sociais.

- Perfeito!!!

O livro se acabou, os dias haviam passado, mas o fascínio pela teoria kantiana passeava diariamente pela minha mente, que sonhava com uma sociedade perfeita, com pessoas dispostas a agir democraticamente, num "Reino dos fins". Sonho ou utopia? Não sei dizer. Mas sei que tudo o que existe começou pelo pensar e, com isso, o Homem conseguiu voar!

Neia Marques

Cidadão

No rádio envelhecido a alegria era conclamada sem lenço nem documento, talvez por isso, um menino sonhou que era cidadão e que era feliz. Felicidade desajeitada. Desproporcional. Coisa de criança. Criança que gostava de se enfileirar e cantar hinos decorados, olhando a trêmula bandeira hasteada. Vendo as estrelinhas do tecido sacudindo com o vento, sorria. Espetáculo lindo!

Depois, seguia em fila para a sala de aula. Desenhava e coloria. O mapa se apresentava contornado em verde-bandeira.

Às vezes, a distração o chamava para as janelas envidraçadas e encardidas. Lá fora, os alunos maiores, de blusas alternadas verdes e amarelas, ensaiavam para o desfile. Sincronizados, davam vida ao catavento que se fazia e desfazia. Os passos marcados, conduzidos pela voz desafinada do coordenador no microfone sucateado, eram ordenados. Espetáculo lindo! Felicidade infantil!

Outra felicidade infantil era a volta da aula. A aventura era passar por dentro das ruínas centenárias do barracão, que décadas antes tinha sido motivo de orgulho e prosperidade, inaugurado como a maior fábrica de ração do Estado.

— Quem sabe do mundo! — segundo os visionários, que se resumiam a caquéticos senhores que pretendiam transformar em lucro a sobra de suas colheitas, que não estavam adequadas à comercialização.

— Nada deve ser desperdiçado! — sugeriam suas contas bancárias.

Doação dessa produção, nesse caso, estava enquadrada como desperdício, ou coisa pior, que só era dita em surdina e em tom de ameaça: Comunismo!

— Isso é coisa de comunistas! — justificavam, mesmo sem saber o significado da palavra, e completavam — Que lucro teremos disso? Não se pode esperar nada desse povo!

Anos depois, mesmo antes do lucro esperado, veio o final.

Do comércio?

Primeiro dos comerciantes.

A morte, ingrata e comunista, tinha entendido que eles eram iguais ao povo, que eram mortais! E desinformada, os levou.

Os herdeiros estavam ocupados demais com suas imortalidades, desfrutando do dinheiro acumulado, e esqueceram

a maior fábrica de ração do mundo! E ela também envelheceu, tornou-se somente a ruína que servia para a molecada brincar de esconde-esconde.

E era essa a intenção de duas crianças ao entrarem na ruína, o menino-cidadão e seu amigo.

Moleques travessos! Corajosos? Nem tanto, principalmente o maior que, ao ouvir um ruído, saiu desembestado, imaginando ser um fantasma. O cidadão menor também não era corajoso e pensou em fazer o mesmo, mas seus passos seriam pequenos e, com certeza, logo seria alcançado pelo fantasma, ainda mais com a tremedeira de suas pernas. Porém, esse não foi o motivo maior; a questão era que a medida de sua covardia era menor do que a medida de sua curiosidade — lição que tinha aprendido na aula, onde a professora explicava a relação entre maior e menor.

E foi a curiosidade que o moveu até a parte mais afastada do barracão. O medo o acompanhou e o alertava para ser silencioso, se possível, nem respirar.

Primeiro, avistou dois homens com roupas imponentes.

— Fantasmas?

Não eram. Concluiu que fantasmas não se vestiam assim, só se vestiam de lençóis ou eram invisíveis. Aqueles eram reais.

Arrumou melhor sua posição atrás dos escombros e tentou ver melhor. Percebeu que eram três pessoas, os dois senhores distintos e um terceiro que estava deitado no chão! Deveria ser algum mendigo, estava todo desarrumado.

— Deve ter passado mal e esses cidadãos vieram ajudar — pensou, e quase estava se apresentando para também ajudar, como sua mãe sempre lhe orientava, embora pouco pudesse fazer com sua pouca idade e tamanho, quando viu a botina de um dos senhores chutar a costela do mendigo.

Sem entender o que estava acontecendo, aterrorizou-se mais com o gemido do indigente do que com os palavrões estranhos dos senhores.

Quem era aquele mendigo? O que teria feito de tão horrível? Seu pensamento embaralhava.

— Tio do doce!?

O menino o reconheceu.

Na verdade, não era seu tio, mas o tio de todas as crianças pequenas da escola. Costumava cantar músicas que ele dizia ter inventado, dava balas, sorrisos e falava coisas que os menores não entendiam.

— O homem tem que ser livre para pensar — e continuava — Não pode ter cabrestos, não pode ser domesticado e ter dono.

Os meninos achavam bonitas as palavras, embora não entendessem.

Tinha que pedir socorro, alguém tinha que ajudar o tio, ele estava muito machucado e devia estar com frio, porque estava deitado naquela água vermelha.

O menino não conseguia se mover. Pela primeira vez, detestou ser covarde. O tio deve ter entendido, e pareceu olhar para o menino. Olhos estranhos! Machucados e enigmáticos.

Será que queria falar alguma coisa? Alguma mensagem secreta? Não deu tempo do menino saber, o homem mais carrancudo pulou com os dois pés sobre o peito do tio do doce. O que saiu de sua boca não foram palavras, e sim sangue vermelho-escuro.

O menino, ofegante, sentiu-se engolido para dentro daquela tela de horror, como se fosse um filme.

Ainda pôde ver os homens enrolando o tio num tecido verde-amarelo que ficou todo manchado de vermelho. O levaram não se sabe para onde.

Criança de felicidade fácil e infantil, acreditou que nunca mais seria criança ou feliz. Emudeceu, e assim passou durante dias.

O mundo tinha se transformado em algo inexplicável e feio.

Todos os dias procurava o tio do doce no final da aula, com olhar esperançoso. Se o encontrasse, decidiria que tudo tinha sido um pesadelo e o mundo voltaria ao normal.

Nunca mais o viu.

Anos se passaram, o fato e a dor ganharam maioridade, não explicação.

O menino agora tem um menino, o filho dorme e sonha no berço.

Na rua, uma avalanche de jovens grita por liberdade e autonomia de pensamento, como o tio do doce havia feito.

Em sua memória ecoa o convite para não esperar, para fazer a hora, para: Não esperar acontecer!

O menino-homem-cidadão não quer mais emudecer.

Levanta-se e sai à rua.

Empunha no peito a palavra que ainda precisa entender o significado:

DEMOCRACIA!

Paulo Ismar Mota Florindo

Liberdade! Liberdade!

No quarto estreito, na escuridão densa e pesada, João e Miguel compartilhavam um silêncio espesso e cheio de amor que nunca deveria ser falado. Com os olhos em chamas, João, e a voz baixa por medo, Miguel encontrou um no outro a fuga necessária da opressão que havia tomado conta do país inteiro. Inspirados pelos ecos da revolta estudantil de 1968, ainda nebulosos da França, sonharam que o mundo explodiria em ondas de mudança. Achavam que tais movimentos de alguma forma cruzariam o oceano e quebrariam as correntes que sufocavam as pessoas com seus corações amordaçados. Em suas veias, sim, havia fervor revolucionário, mas sempre ali, como uma sombra pronta a consumir qualquer centelha de esperança, estava o medo, aquele velho companheiro.

E então veio o destino esperado. Em uma dessas noites, em meio aos protestos que irrompiam em fumaça e fúria, Miguel desapareceu, engolido por sombras, gritos e tiros ecoando nas ruas. João foi puxado para baixo pela intolerância do regime, um fantasma entre muitos. E Miguel? Ele desapareceu escondido, tentando sobreviver à dor que lhe rasgava o peito e à censura que silenciava o ar. Ironicamente, as artes — que prosperavam em meio a toda aquela repressão — eram suas únicas companheiras, e em cada verso anotado nas margens do jornal, em cada melodia composta no violão, Miguel ainda encontrava um toque de humanidade.

O tempo passou. A ausência de Miguel era uma ferida aberta em João, uma dor que havia criado raízes, uma sombra que nunca o abandonaria. Ele se tornou um símbolo relutante. Suas palavras sintetizavam a agonia de um Brasil moribundo, ainda dando seus últimos suspiros. Poeta amaldiçoado, ele escrevia com o espírito de quem não esperava mais nada, além de persistir. E então, como em um sonho deformado, ele o viu. Em meio ao tumulto da campanha das Diretas-Já, João reconheceu Miguel. Não o jovem tímido que ele conhecera, mas um homem marcado, moldado pelo tempo e pela resistência. Ainda, Miguel. Ainda, o mesmo.

Não, o reencontro não foi de alívio. Não houve sorrisos fáceis, nem lágrimas catárticas. Foi um olhar só, cortante de dor, que substituiu anos de silêncio. Dois corpos marcados pela vida, reconhecendo-se numa multidão barulhenta e sem rosto. Sabiam que não tinham garantias. Sabiam que o tempo não cura, apenas arrasta as feridas

para o fundo, onde se pode ignorá-las até transbordarem. Naquele instante, porém, só havia uma certeza: o amor, esse sentimento cruel e insistente, os mantinha vivos. O país? Ainda um campo de batalhas não vencidas.

Nos dias seguintes, João e Miguel, unidos mais uma vez por aquele algo que nunca conseguiam contar com palavras, seguiram adiante. Não houve promessas, nem grandes planos. Apenas a consciência de que o destino era uma construção lenta e imperfeita. Participaram de debates e movimentos estudantis; falaram onde suas vozes eram ouvidas. Mas sabiam muito bem que a democracia tão perseguida por eles era uma mentira sem fim, sempre uma promessa que nunca se concretizava totalmente. João, sempre fiel à sua alma poética, escrevia para jornais e revistas palavras que alcançavam aqueles que ainda tateavam no escuro para encontrar significado. Miguel, por sua vez, se entregava à música, compondo canções que eram mais lamentos disfarçados de esperança. Os dois, driblando a fuga, abriram uma pequena livraria-café. Um refúgio para aqueles que, assim como eles, haviam sido marcados pela luta por ousar querer uma existência livre em um país que nunca lhes havia concedido o direito a tal liberdade. Nas paredes, o testemunho dos tempos de ditadura mantinha silêncio, mas de forma impressionante. A livraria lentamente se tornou um refúgio para a comunidade LGBTQ+ - um lugar onde, pelo menos por algumas horas, eles eram livres para serem eles mesmos sem o medo iminente de todo tipo de violência e preconceito. Eles realizavam eventos, noites de poesia, filme - mas não uma simples celebração, e sim, como resistência. Porque no Brasil, viver era resistir. E às vezes, resistir era tudo o que restava.

Os anos novamente seguiram seu curso implacável. João e Miguel viram o país mudar, mas sabiam que essas mudanças eram apenas superfícies rachadas, disfarçadas de progresso. Eles adotaram duas crianças, mas não pela ilusão de uma família tradicional. Foi um ato político. Eles ensinaram desde tenra idade que o mundo era injusto, que a liberdade era uma batalha que ninguém em sã consciência poderia dizer que havia vencido. No final das contas, tratava-se de sobreviver com dignidade, encontrar as frestas por onde respirar.

À medida que envelheciam, seus cabelos brancos mostravam o peso dos anos. Firmes em sua marcha, eles não olhavam para o passado com lentes cor-de-rosa. Eles sabiam que o Brasil ainda era o

mesmo país dilacerado que sempre fora, mas com uma nova camada de maquiagem política. Mas eles não importavam. João e Miguel deixaram sua marca, embora invisível para muitos. Eles não eram heróis. Eles nunca foram. Mas eles sobreviveram. E às vezes, isso era o suficiente.

Agora, mais próximos do epílogo de suas vidas, eles sabiam que sua história não seria cantada em círculos de violões, nem impressa nas páginas da história. No entanto, o simples fato de terem lutado - de terem amado, apesar de tudo - tiveram a vitória amarga que sempre desejaram.

Felipe Andrade Farah

A preceptora

Lembro-me como se fosse hoje (contava o jovem Ernesto) daquele cheiro de relva fresca passeando no ar, adentrando as narinas e registrando em minha mente uma memória olfativa para que esse momento jamais caísse no esquecimento. O orvalho da noite refletia a aurora e os transeuntes já iam se aglomerando na praça 9 de Julho, área central da cidade, que há um certo tempo passou a funcionar como verdadeira ágora, feito a Grécia Antiga, na qual filósofos, de diversas vertentes, ensinavam coisas que transcendiam os livros e não se encontravam em vitrines.

Filósofos? Aglomeração? Tudo isso não podia ser verdade! Vivíamos em plena época do AI-5, e, logo hoje, nós faríamos uma prova na escola de "Educação Moral e Cívica", de modo que disciplinas como Filosofia, Sociologia e Antropologia eram eliminadas das grades curriculares! Alguma coisa estava errada.

Foi aí que fui me aproximando daquela gente, os primeiros raios de sol foram tocando as mentes inquietas daqueles seres ávidos por conhecimento, de modo que, dentre eles, havia uma luz, não uma luz qualquer, mas uma luz perene, que brilhava em pleno dia e que independia da noite para irradiar seus raios que eram percebidos de longe.

Era preciso desbravar caminho para me aproximar, mas não desisti e, correndo risco de levar uma bordoada da polícia, minha curiosidade venceu com larga vantagem. De repente, vi estupefato! Um ser diferente, andrógino, alto, com um diadema na cabeça, ao estilo grego clássico, que declamava em voz alta palavras poéticas, mais que isso, palavras sábias que pareciam ser de outro plano, superior ao nosso. Nisso, continuou a explicar:

- Uma vida que não é pensada de forma crítica, planejada racionalmente por meio da reflexão, não merece ser vivida. A liberdade de ir e vir, a liberdade de crença, a liberdade de expressão, a liberdade artística e qualquer liberdade que seja, nada disso é possível, se o Estado não estiver fundado na dignidade da pessoa humana e, é claro, numa Constituição que funcione como a sua certidão de nascimento, dando vida a um Estado Social Democrático de Direito!

E nesse viés, continuou:

- Digo Social, pois não é possível que um povo viva em paz diante da abstenção total do Estado. Uma vez criado, o Estado

se torna pai da população que nele vive, do território que a ele pertence, e do poder que a ele foi permitido ser exercido. E para que uma pessoa se torne cidadã, é mister que haja Filosofia nas escolas, para que de fato se torne fiscalizadora da atividade Estatal.

Mas, como? Como era possível isto estar ocorrendo livremente em plena praça central? Foi quando, sem me importar mais com aqueles guardas e com Regime militar, eu me aproximei bem daquele ser, que mais parecia ser um líder político ou jurídico, e percebi que ele não era comum. Era possível ver sua aura, azulada, irradiante, dando a ele uma essência nobre e rara de se encontrar. Até que ele reverberou meu nome, de forma pacífica, para o meu espanto total:

- Ernesto! Chegue mais perto! Não tenha medo!

Foi aí que comecei a chorar torrencialmente e, entre soluços, desabafei:

- Vivemos todos oprimidos sem piedade por esse governo que maquia a nossa economia, desvairadamente, intitulando a nossa época de "Anos Dourados", e a gente não aguenta mais! Essa política corrupta tenta nos dar lições de moral, mas, sem dar exemplo, se preocupa apenas em dar bordoadas naqueles que pensam fora do padrão. E o ser enigmático, com um ar carinhoso, o acolheu com palavras mansas e sábias:

- Não chore! Estamos aqui para lhe ensinar e anunciar a sua missão.

- Missão? Como assim? Por favor, me ajude a entender tudo isso!!!

Em seguida, um estrondo pode ser ouvido, uma fenda abriu-se no céu, como um prenúncio de algo profético, longe de ser compreendido pela razão humana, o ambiente ganhou um tom amarelado, como se estivessem em pleno outono, noutro plano, noutra dimensão.

- Sua luz brilhou forte e chamou a nossa atenção. Acompanhamos a sua ascensão. Você evoluiu tão novo e em tão pouco tempo que as autoridades Interplanetárias o veem como peça-chave para o futuro de seu país.

- Mas, eu... eu não entendo!!!

- O tempo, Ernesto. O tempo é o professor da vida. O entendimento será gradativo e a sua missão será revelada no tempo certo, no lugar certo, entre as pessoas certas.

- Então, o que eu devo fazer? Não aguento mais tanto mistério!!!

- Estude! Siga o coração na escolha de seu caminho e...

Sem terminar, o sino da Catedral marcava um tempo que até então parecia inexistente e a minha visão começou a ficar turva e uma vertigem se apoderava de mim.

- O nosso tempo acabou! É hora de nos despedirmos! - Disse o ser exótico que, naquele momento, estava vestido com uma farda azul, carregando sete estrelas no lado esquerdo peito.

Então, passei a enxergar embaçado e já percebia que aqueles momentos de luz iam se findando.

- Não vá! Eu preciso entender, por favor... fique!!!

- Adeus, Ernesto! Adeus!

E como se me valesse da última força, repliquei:

- Por favor! Diga-me pelo menos o seu nome!!!

E o ser, como num ato de misericórdia, atendeu:

- DEMOCRACIA, Ernesto! Pode me chamar de DEMOCRACIA!

E, como num grande susto, acordei com minha mãe falando aos berros:

- Ernesto! São 6:45 da manhã! Vai se atrasar para a escola!

E assim, o tempo foi passando, rumei para a Filosofia, entrei para a política e, no ano de 1988, lá estava eu, participando da promulgação da Constituição Federal Democrática Brasileira, como um dos Constituintes responsáveis por sua elaboração. E naquele ato solene, um calafrio! Podia vê-lo! Aquele ser estava entre nós! Influenciando-nos com sua luz! E depois, o relaxamento. Só então pude ter a certeza de que, naquele momento tão importante, a DEMOCRACIA, de fato, estava presente!

Coracy Teixeira Bessa

Vivências

Mamãe me contou que ele desapareceu lá pelos idos de junho de 64. Por muito custo ela me deu essa informação. Não queria remexer em assuntos que traziam tanta tristeza. Mas eu tinha direito de saber o que ocorrera naquela época e para onde fora o meu pai. Afinal, embora eu não o tenha conhecido, queria saber como ele era. Aos poucos, as recordações foram rompendo as brumas da memória e, piscando as pálpebras do esquecimento, se expuseram aos raios da verdade. Ela me contou primeiro dos dias de angústia e desespero à espera do retorno do homem a quem amava e pai de quem seria o seu primeiro filho que, ao final, se configurou como filho único. Ele saíra à noite para trabalhar, como fazia há alguns anos, naquele bar lá perto dos Arcos da Lapa.

Ele era um pianista da noite. Gostava de se enturmar com os cantores que ali se apresentavam e, depois das apresentações musicais, prolongava a oportunidade de acompanhar as discussões políticas e literárias daqueles jovens como ele, que se preocupavam com o rumo que a situação da política nacional vinha tomando. E eis que, alguns meses antes, o país acordara convulsionado pelo golpe militar. Desde então, o temor, a insegurança e a desconfiança de todos para com todos se instalou no seio das famílias. Naquela fatídica noite de junho, enquanto mamãe se atarefava preparando o pequeno altar onde um Santo Antônio pequenino, com um Menino Jesus com um braço quebrado esperava a cantoria da trezena em seu louvor, meu pai se despediu dela e rumou para o trabalho. E não voltou. Foram dias, meses e anos em busca de informações, notícias, fosse o que fosse que pudesse apaziguar a dor do seu coração. Tudo em vão.

Nesse clima de desespero eu vim ao mundo, protestando em altos berros contra o ambiente familiar soturno em que estava fadado a viver. Realmente, minha infância foi triste, apenas eu e mamãe naquela casa cuja única alegria era a entrada do sol pela janela. Quando bebê, contou-me ela, os únicos momentos em que a sombra do desaparecido parecia se afastar um pouco, era quando ela me amamentava cantarolando melodias tristes, enquanto suas lágrimas molhavam o meu rosto.

Chegada a época de frequentar a escola, a ansiedade cotidiana de minha mãe se exacerbou. Temia que eu, também, fosse

sequestrado e desaparecesse nos "porões da Ditadura", como tantos foram durante aqueles famosos "dias de chumbo". De minha parte, por conta dos poucos anos de idade, eu era inconsciente daqueles episódios que preocupavam cada vez mais os adultos. Porém a adolescência, com seus dias dourados ou nublados, encandeava os espíritos de meus companheiros e eu, como eles, me permitia, a duras penas, fugir do ambiente deprimente de minha casa, creditado à tristeza perene da minha mãe.

Minha juventude rompeu os grilhões da tristeza ao descobrir o encantamento do sentimento amoroso. Acompanhando a garota por quem me apaixonei, veio uma nova visão da vida. Eu precisava fazer algo para que, de alguma forma, tudo que mantinha o *status quo* se alterasse. Engajei-me em movimento universitário clandestino, onde o desejo de mudanças era a bandeira agitada sobre as cabeças daquela juventude esperançosa. A minha amada, por sua vez, aderiu a um grupo de teatro onde peças revolucionárias clássicas ou contemporâneas eram preparadas para vir a público, ridicularizando, tantas vezes, a obtusa censura instalada no que era o ambiente cultural do país.

Quando informei à minha mãe que cursaria a Faculdade de Direito, ela só faltou enlouquecer. "*Você vai se meter nesse antro de perseguidores? Não pense que existe Justiça neste país! Esqueceu o que aconteceu com o seu pai?!*" Foi um custo para convencê-la de que a Justiça se faz justamente com o exercício das Leis. Não é pelas armas, torturas, sequestros, assassinatos etc. Chorou, como já alguns anos não fazia. Depois, foi rezar aos pés do Santo Antônio pedindo proteção para mim.

Durante o final do meu curso, a agitação nacional pelo movimento "Diretas JÁ!", predominou o cenário nacional. A figura impávida de um guardião da Democracia se impôs. Finalmente o desmantelamento da estrutura ditatorial foi o prosseguimento natural do ressurgimento da Democracia. E os porões da ditadura foram forçados a revelar os seus segredos. As investigações aprofundadas expuseram as mazelas de um sistema autoritário, corrupto, implacável, impune aos ditames da Lei e da Justiça.

Finalmente, o país respirou. "Ditadura, Jamais!" Agora, era a busca pelos restos mortais dos desaparecidos. Onde estavam? Onde os enterraram? Onde estavam suas tumbas ou as "valas comuns"

onde eram despejados infelizes anônimos ou conhecidos, que se sacrificaram conscientemente pelas suas ideias ou eram arrebatados pelas milícias e militares mancomunados com os poderes superiores?

Tentamos, sem nenhum resultado, a busca pelo meu pai. Qual teria sido a acusação que motivou o seu sequestro e consequente desaparecimento? Nada constava contra ele. Denúncia anônima? Erro de pessoa? Nenhuma pista. Como ele, muitos. Sem nenhuma esperança de encontrá-lo, não havia outra solução além de seguir a vida, lutando como pudesse para que tal desatino não se repetisse no futuro.

A mamãe, coitada, findou-se pouco tempo depois que o país, claudicante, retomou a estrada que levava à Democracia plena. Pelo menos ela assistiu à minha formatura, ao meu casamento e ao nascimento do meu primeiro filho. E ao renascimento das áreas de artes plásticas, teatro, literatura, o mundo da Cultura, enfim. E, com muita esperança, a diminuição das injustiças sociais, da pobreza, da miséria, do desemprego, da violência, da insegurança e da corrupção.

É a esperança de cada um de nós.

Maíra de Oliveira Martins

Vermelho de quê?

Havia um lugar muito quente, tão quente que poderia ser comparado com o inferno. Seu chão era seco, o céu era cinza; e entre ambos uma neblina vermelha. Neste lugar viviam muitas pessoas, as quais o suor escorria-lhes o rosto. O suor provinha do calor, claro, mas também do trabalho, do cansaço, da exaustão. Um dia, caminhava por uma estrada deste lugar quente e seco uma menina, de mãos dadas para a sua mãe. Enquanto caminhavam, conversavam. A menina perguntou:

- Mãe, por que as pessoas estão com o rosto vermelho?

E a mãe respondeu, também com seu rosto avermelhado:

- Porque trabalham muito neste calor.

E a menina respondeu:

- Sabe o que eu percebi? Que a cor dos seus rostos é igual a cor do ar. Quando vejo todas as pessoas passando é como se fosse um pontinho vermelho mais escuro com o fundo de um vermelho claro...

E a mãe foi interrompendo sua filha:

- Isso é triste...

A menina, surpresa, perguntou:

- Triste? Por quê?!

- Porque, minha querida filha, se seus rostos estão vermelhos por causa do calor e do trabalho, significa que estão trabalhando muito com seus membros, se movimentando e cansando de tanta correria. E se o fundo está vermelho claro é porque não tem mais verde, não tem sombra, não tem refresco... Está tudo quente, por dentro das pessoas, e por fora, na terra... Respondeu a mãe com ar enfadonho.

A menina ficou pensativa, olhou para o céu, para as pessoas, olhou em sua volta. Sua cabecinha parecia maquinar alguma coisa; parecia estar fazendo ligação com várias coisas observadas, ao mesmo tempo que recorria à sua memória e imaginação. Então ponderou para sua mãe:

- Mãe, você está muito enganada. Não é disso que estou falando. Quando eu falei dos pontinhos vermelhos, eu disse que estão todos iguais. E quando falei do fundo vermelho mais claro, disse um fundo igual para todo mundo. Se todos estão iguais, é porque estão fazendo todos a mesma coisa; e todos fazendo a mesma coisa, vão deixar o fundo sempre da mesma cor para cada um. Então, você não

está entendendo, mãe. Quando a minha professora disse, uma vez, para brincarmos no parquinho, eu me reuni com a Sofia e o Bílio para vermos do que íamos brincar. Me lembro que a Sofia queria brincar de loja, o Bílio de ônibus e eu de balançar. Então, mãe, me lembro que no começo ficamos conversando sobre isso, e no final sabe do quê brincamos? De construir uma cidade no campo de areia. O Bílio construía as ruas por onde o ônibus iria passar; a Sofia construía as lojas e casas e eu ia atrás de flores e plantas para enfeitar e dar mais verde à cidade. Me lembro que a professora disse que estávamos com o rosto vermelho de tanto brincar. Então, as pessoas hoje com seus rostos vermelhos estão cansadas não por causa do trabalho no calor, mas porque não estão pensando direito no que estão fazendo. Não estão conversando com seus amigos sobre como vão fazer as coisas, como vão brincar. Se todos conversassem sobre suas vontades, acho que iriam combinar uma grande brincadeira, onde cada um iria fazer o que seria legal para si e bom para a terra. Tenho certeza de que teria alguém que iria querer fazer mais verde nesta brincadeira. E assim seus rostos estariam vermelhos de tanto brincar!

A mãe ficou perplexa com a fala de sua filha. E o silêncio reinou por algum tempo. Mãe pensativa e filha imaginativa. Pela primeira vez, a mãe sentiu um calor diferente em seu corpo. Não vinha acompanhado de cansaço, mas de entusiasmo. Pois pela primeira vez, percebeu que poderia começar a pensar de outro jeito. Poderia começar a pensar como queria que fosse sua vida-brincadeira; e quem seriam seus amigos para conversar; onde poderia fazer algo, enfim, surgiu uma perspectiva nova. Começou a pensar na possibilidade de pensar o impensável e viver o que não existe. Mas lembrou-se, é claro, de que seus rostos ainda permaneceriam vermelhos, mas estariam vermelhos de quê?!

- Você tem razão, minha filha. Vamos conversando como podemos fazer mais brincadeiras dessas - agradeceu a mãe.

E foram caminhando, mãe e filha, pois a estrada era longa e ainda tinha um bom pedaço de trecho para andar.

Marcela De Araújo Pereira

Ecos do Passado

A praça estava lotada naquela manhã de sol. João observava as pessoas ao seu redor, carregando cartazes, entoando palavras de ordem.

O clima era de esperança, mas também de preocupação. Ele não podia deixar de pensar em seu avô, que anos atrás, na mesma praça, havia clamado por liberdade durante as Diretas-Já.

Seu avô, Antônio, costumava contar histórias sobre a época da ditadura. Naquela época, as pessoas tinham medo de falar. O silêncio era imposto a todos, e a censura calava até os sonhos mais íntimos. "A liberdade, meu neto, é uma planta frágil". Requer cuidado e atenção.

"Não podemos permitir que a arrancasse pelas raízes", dizia ele.

Mas agora, em pleno século XXI, João sentia que o mesmo medo voltava a pairar sobre a sociedade. As ameaças não vinham mais de tanques nas ruas, mas de palavras afiadas nas redes sociais e de atos sorrateiros que buscavam minar a confiança nas instituições. Ele via seus amigos divididos, discutindo acaloradamente sobre política, esquecendo-se do que realmente importava: o bem comum.

Em uma tarde, ao folhear o velho diário de seu avô, encontrou um relato sobre um protesto.

"Estávamos lá, todos juntos, sem saber se voltaríamos para casa. Mas não podíamos mais aceitar a opressão. O país precisava de nós, e nós precisávamos acreditar". João fechou o diário com um suspiro. Naquela época, era perigoso lutar, mas as pessoas tinham uma clareza de propósito que ele não via hoje.

Decidido a fazer algo, ele começou a organizar encontros para conversar sobre política com seus amigos. Queria resgatar o espírito de união que o avô havia descrito. Queria que todos se lembrassem de que a democracia não era uma conquista garantida. Era um processo, uma construção diária.

Um dia, durante um desses encontros, uma jovem chamada Lenita, que sempre ficava em silêncio, tomou a palavra. "Meu avô também lutou nas Diretas. Ele me disse que, se a gente não lutar hoje, o amanhã pode ser ainda mais difícil. Nós somos a resistência, mas, acima de tudo, somos a esperança."

As palavras de Lenita ressoaram em João como um eco do passado. A luta de seus avós não havia sido em vão. Eles plantaram a semente de um futuro melhor, e agora, ele e seus amigos eram responsáveis por cuidar dessa planta frágil, chamada democracia.

Naquela noite, enquanto olhava para o céu estrelado, João sentiu que não estava sozinho. Os sonhos e as utopias que Antônio um dia teve agora eram seus também. E, assim como seu avô, ele estava disposto a lutar por um país mais justo e livre. Afinal, a verdadeira cidadania transcende o tempo e se reflete nas ações de cada um, em cada geração.

Lucas Araújo Martins

Jantar!

Hoje foi mais um daqueles dias corridos em que você tem mais coisas para fazer do que horas no dia. Agradeço ao meu eu do passado por ter passado no Mercadinho do Zé e feito as compras para a janta de hoje. Vou preparar um rubacão para minha mãe. É algo que aprendi com ela. A mistura do arroz com feijão, a carne de sol e o coentro tem gosto de família reunida no domingo. Dizem que cozinhar é uma forma de demonstrar afeto e cuidado por aqueles que amamos. Eu concordo.

Moramos perto e tento sempre estar presente, apesar da rotina de trabalho e militância. Nossos jantares não costumam ser mais tão barulhentos e alegres como eram antes. Geralmente, trocamos algumas palavras sobre nossas rotinas, e segue um grande silêncio entre uma colherada e outra. Sei que a amo, e ela me ama. Não é essa a questão, mas as refeições não são mais as mesmas desde que prenderam meu pai e meu irmão.

Eles foram torturados e executados, arrancados de nossas vidas. Apesar da pena de morte, formalmente, não existir aqui, eles foram mortos sob tutela do Estado. Que crime tão terrível eles cometeram? Até hoje, não sabemos. Que crime há em defender o direito à moradia? Ou em militar pela reforma agrária? Que infração existe na luta contra a fome? Que lei é quebrada ao combater o trabalho que desumaniza e escraviza? Se houvesse ilegalidade nessas ações, eles seriam os maiores criminosos. Se não, eles seriam grandes heróis nacionais que defendiam o povo do nosso país.

Com a notícia da morte deles, vi minha mãe, uma mulher que antes exalava alegria, se fechar para a vida. Ela não chora, nem sorri. Na verdade, quase nunca fala, como se parte dela tivesse ido com eles. Até hoje, ela cuida do quarto do meu irmão, deixando cada coisinha no lugar, como se ele fosse entrar pela porta de casa fazendo alguma gracinha, como se ele nunca tivesse sido tirado de nós.

Uma vez, minha mãe me disse algo que ecoa na minha cabeça até hoje. Ela falou numa dessas raras ocasiões em que se abre sobre o assunto: que sente que sua felicidade nunca é completa, sempre há um sentimento de ausência. É como se tudo que fosse bom, seria melhor com eles aqui.

Essas refeições com minha mãe alimentam meu coração de ternura, mas também mantêm viva a chama da indignação e da

raiva. Outro dia, tive que me segurar para não entrar em combustão quando ouvi que um ex-presidente, hoje inelegível, disse que não era cachorro para procurar os ossos dos guerrilheiros do Araguaia. É cruel demais ver como aqueles que lutaram contra os (des)mandos da ditadura, não raramente, pagando com a própria vida, têm seus nomes e memórias manchados.

Lucio Rodrigues Junior

Vozes do passado e do futuro

Em uma pequena cidade do interior, vivia Clara, uma professora de história apaixonada por sua profissão. Ela sempre buscava maneiras de tornar suas aulas mais envolventes e significativas para seus alunos. Em um dia ensolarado de outubro, Clara decidiu levar sua turma para uma aula ao ar livre, no parque central da cidade.

Enquanto caminhavam, Clara começou a contar sobre os 60 anos do golpe civil-militar de 1964 e os 40 anos do movimento das Diretas-Já. Ela queria que seus alunos entendessem a importância desses eventos na construção da democracia brasileira.

"Em 1964, nosso país passou por um período muito difícil," começou Clara. "O golpe militar trouxe repressão, censura e medo. Muitas pessoas foram perseguidas, presas e até exiladas. Mas, mesmo nesses tempos sombrios, a resistência floresceu. A arte, em suas diversas formas, tornou-se uma poderosa ferramenta de contestação."

Clara falou sobre como a música de Chico Buarque e as obras de Glauber Rocha se tornaram símbolos de resistência. "A criatividade e a efervescência cultural daquele período mostraram que, mesmo sob a truculência do regime, a esperança de um Brasil democrático nunca se apagou."

Os alunos ouviam atentamente, fascinados pelas histórias de coragem e resistência. Clara então mudou o foco para 1984, quando o movimento das Diretas-Já mobilizou milhões de brasileiros. "Foi um momento de esperança renovada," disse ela. "As pessoas tomaram as ruas, clamando pelo direito ao voto direto para presidente. A participação popular foi massiva, e a energia nas ruas era palpável."

Clara contou como seu próprio pai havia participado das manifestações, acreditando que um futuro melhor era possível. "As Diretas-Já representaram o esfacelamento da ditadura e a retomada do caminho democrático. A arte, mais uma vez, desempenhou um papel fundamental. Canções como 'Pra Não Dizer que Não Falei das Flores' de Geraldo Vandré se tornaram hinos de uma geração que ansiava por mudança."

Enquanto Clara falava, um de seus alunos, Lucas, levantou a mão. "Professora, o que podemos fazer hoje para manter a democracia viva?"

Clara sorriu, orgulhosa da curiosidade de Lucas. "A democracia e a cidadania vão além de sonhos e utopias," respondeu

ela. "São construções diárias, que exigem participação ativa e vigilância constante. Precisamos valorizar as liberdades conquistadas e lutar para que nunca mais sejam perdidas. Participar das decisões políticas, defender os direitos humanos e promover a inclusão e a diversidade são formas de manter a democracia viva."

Ao final da aula, Clara sentiu que havia plantado uma semente de consciência em seus alunos. Eles voltaram para a escola com o coração cheio de esperança e determinação. Clara sabia que a caminhada era longa, mas estava confiante de que, com educação e engajamento, a democracia e a cidadania continuariam a florescer.

Anderson da Costa Neukamp

Eco de sorrisos

Na pequena cidade de Armanópolis, um lugar onde as lembranças são tanto mais vívidas quanto as flores que brotam nas janelas azuis, o dia 1º de abril não era apenas um dia comum. Era uma data envolta em tensão e leveza, na qual os habitantes relembravam acontecimentos de um passado não muito distante. Era o dia do golpe de 1964, quando a esperança se transformou, para muitos, em sombra e silêncio.

No bar do Seu Vicente, nas paredes adornadas com fotos em preto e branco de artistas e pensadores que se opuseram à repressão, um grupo de amigos se reunira para brindar à memória e à liberdade. Entre eles estavam Lúcia, uma ex-estrategista das passeatas de 1984, e Jorge, um poeta que nunca deixara de compor, mesmo quando seus versos corriam risco no papel.

— Você se lembra daquele dia das Diretas-Já? — perguntou Lúcia, seus olhos brilhando como se ainda ouvisse o clamor das multidões.

— Lembro — respondeu Jorge, com um sorriso irônico. — E como esquecer? Era como se um só eco reverberasse pelas ruas, uma música que ressoava na alma.

A conversa tomou o rumo da arte como resistência. Lúcia recordou da canção que havia sido um hino de várias gerações, "Construção", de Chico Buarque.

— Naqueles tempos, a música nos salvava, Jorge. As metáforas eram armas e, ao mesmo tempo, escudos. Cada verso, um grito contra a opressão.

— Verdade, os artistas transformaram o lamento em uma festa de esperança — Jorge emendou, pegando um guardanapo e rabiscando alguns versos que vieram à mente.

— Quarenta anos se passaram desde que as pessoas foram para as ruas novamente. O que mudou? — a pergunta de Lúcia

ficou suspensa por um instante, uma linha tênue entre o passado e o presente.

— O cenário é outro, mas o desejo de falar, de expressar, continua vivo. Precisamos lembrar, Lúcia. O direito ao voto foi conquistado, mas o que dizer da verdadeira democracia? — Jorge olhou pela janela, como se buscasse respostas nas nuvens passageiras.

É quando a nostalgia se mistura à ironia que ressurge a reflexão. O bar, um refúgio, se tornava um símbolo de resistência pessoal e coletiva, o pequeno espaço onde aqueles que haviam vivido à sombra da repressão se reuniam para celebrar o que ainda estava por vir.

Chegou à mesa, a velhinha Dona Irma, que escutara mais histórias do que qualquer um poderia contar. Suas mãos trêmulas seguravam uma bandeja de pães de queijo, mas seus olhos cintilavam com a força de quem viu sua cidade renascer após anos de escuridão.

— Falem do que puderem, mas não se esqueçam da luta — ela sussurrou com a voz embargada. — A arte sempre vai nos lembrar de que, mesmo divididos, somos um só povo.

Aquilo foi um eco forte, um lembrete gravado na memória coletiva. O grupo, agora envolto em um manto de reflexão e esperança renovada, brindou silenciosamente. O passado trazia dores, mas também forças; a arte, em suas várias formas, era mais que uma resistência, era uma celebração do humano.

No brilho dos olhos de Lúcia e Jorge, viu-se o Brasil que se pretendia: não apenas de votos diretos ou liberdade de expressão, mas de sonhos e utopias conjuntas, onde cada canção poderia ser uma flor que brotava nas brechas da memória social, sempre pronta para renascer, mesmo em tempos difíceis.

E assim, sob a luz morna daquela tarde, o eco de sorrisos e lembranças se entrelaçou ao presente, ampliando a esperança de que, apesar das cicatrizes, a democracia sempre encontraria espaço para florescer.

Therys Vinícius Domingos Barbosa Pereira

O canto dos oprimidos

Era apenas um dia como qualquer outro quando João foi à casa de sua avó. O céu, em um tom de chumbo, espalhou-se por todos os lugares; apenas ouviam-se os ais. Que grito silencioso! "Por que os pássaros não cantam?" – perguntou João em tom frenético à sua avó. "Eles não podem dar sinais louváveis de seus próprios saberes; às vezes, o cantar se torna uma maldição para aquele que nasceu para ser livre," disse ela.

"Mas, vovó, por qual motivo os pássaros estão sendo colocados em uma gaiola?" "Menino, menino, tu és muito curioso! Não sabes que o homem caça os pássaros para controlar seu canto? Minha mãe contava uma história que a mãe dela contou, a história do leão que pensava ser governador. Ele, em seu 'trono', resolveu controlar todos os outros animais. Aqueles que desobedeciam eram devorados. Ao final, sobrou uma savana vazia, desolada, cheia de cadáveres pelo campo e gritos de filhotes sem seus pais. Ai! Ai! Ai! Ai! Mudaram a identidade dos pobres e calaram as vozes dos pássaros que voavam pelo céu."

O menino, insatisfeito com a resposta, disse: "Eu não quero reis; eu quero liberdade!" "Cala a boca, menino! Tu não sabes o que falas! O céu está tão denso como o chumbo; as únicas coisas que caem de cima são chuvas que matam aqueles que cantam muito alto. Pobrezinhos dos passarinhos que resolveram voar com seu canto!" – disse a senhora em tom desesperançoso.

"Vó, olha lá um pássaro! Eles estão em bando, voando rapidamente pelo céu. Aquilo é um dragão? Ele está expelindo fogo de aço que perfura os pobres passarinhos…" "Mais bichos sendo mortos para saciar a sede de poder do homem. Vozinha, eu quero progresso! Será que o futuro espelha essa beleza: sangue, submissão e morte? Se for assim, prefiro ir embora."

"Do que estás falando, menino?" – perguntou a mulher, sem entender nada. "Minha mãe não é tão gentil; ela está mudando

minha identidade e forçando-me a ficar calado diante de tanta insatisfação que não condiz com meu desenvolvimento. Eu quero liberdade para conduzir minha própria vida. Quero poder cantar sem precisar ir dormir."

A avó, olhando para o neto, sorriu e disse: "Teu futuro espelha essa beleza: ordem e grandeza! Os pássaros podem estar imigrando para outros países por causa do temporal; outros estão sendo mortos por cantar, mas os seus ovos estão quase eclodindo, e seus filhos voarão e cantarão livremente pelo céu azul."

"Agora chega, vamos dormir; já passou da hora!" "Ah! Mas ainda está cedo; não estou com sono," disse o menino inconformado. "Eu também não, mas nem sempre fazemos o que queremos. Quem sabe amanhã possamos fazer?" "O presente pode refletir ais, mas o futuro reflete glória."

CRÔNICAS

Anderson da Costa Neukamp

Entre a ditadura e a esperança

O que poderia ser uma terça-feira qualquer se transforma em um convite à reflexão quando me deparo com as datas que marcam a história do Brasil: 1º de abril de 1964 e 25 de abril de 1984. Duas efemérides que, à primeira vista, parecem antagônicas. Uma, o golpe que cerceou as liberdades e a esperança de um povo; a outra, a explosão de vozes clamando por democracia. Entre elas, um emaranhado de sonhos interrompidos e lutas que, mesmo com cortes e interdições, nunca foram completamente silenciadas.

Lembro-me das imagens que povoam a memória coletiva: as faixas nos altos dos prédios, os gritos em meio à poeira das ruas, os rostos cansados, mas ardentes de desejo por um futuro diferente. No luto da repressão, o que nasceu? Uma criatividade sem igual. Os artistas, como verdadeiros guerrilheiros da palavra e da cor, transformaram a dor em poesia e música; as telas e as páginas carregaram, nas entrelinhas, a crítica à opressão, multiplicando-se em canções e obras que ecoaram, mesmo quando silenciadas por mão pesada da censura.

Mas quem diria que, em apenas vinte anos, o próprio povo seria capaz de desafiar o silêncio imposto? Em 1984, as ruas se tornaram palcos de um teatro vibrante. O espetáculo das Diretas-Já reuniu, sob o manto da esperança, aqueles que ousaram sonhar. Havia ali uma mistura inebriante de passado e futuro, entre a memória das feridas abertas e o desejo de um Brasil pleno de direitos.

É quase uma ironia lembrar que, quando os militares tomaram o poder, acreditavam estar instaurando ordem. A história, porém, ri e se desdobra. O esperado controle resultou em um povo que aprendeu a resistir nas entrelinhas, que viu na criatividade uma arma poderosa. Cantores como Chico Buarque e Caetano Veloso transformaram a dor em belos hinos de liberdade, e a literatura floresceu entre a angústia e a esperança, como a indomada obra de Adélia Prado e de muitos outros.

Revisitando esses anos, pergunto-me: conseguiremos aprender com nossos próprios ciclos? As intervenções, quer seja uma manifestação, quer seja uma escolha de quem nos governa, estão à mercê não somente dos atos de um grupo no poder, mas dos sussurros de um povo que vive e transita pelo cotidiano. O que fazemos hoje em prol da nossa democracia? Nesta era em que

as vozes ainda lutam para não serem abafadas, o papel da arte se reafirma: ela é não só um espelho, mas também uma lanterna que ilumina os caminhos ainda obscuros.

Ao olharmos para o passado, que as memórias de luta e resistência nos guiem para um futuro onde não apenas sonhamos com democracia, mas a vivemos em cada ato cotidiano, em cada direito assegurado. Que as efemérides de um passado traumático nos mantenham em vigília, conscientes de que a luta pela cidadania nunca é um fim, mas um contínuo e belo processo de (re)construção. Afinal, a liberdade é um bem precioso que se conquista não apenas nas ruas, mas na consistência de nossas ações diárias.

Michelle Vanine de Souza Ferreira

Divagações democráticas

Diante dos meus olhos mais uma notificação, o engajamento nas redes moverá mais um dos meus dias. Publico divagações sobre o certo e o errado, o direito e o esquerdo, a realidade e os sonhos, o ideal e o real, já não importa o que escrevo, o importante é que tenho opinião para tudo.

Minha liberdade de expressão é exercida plenamente, como se não houvesse um marco para disciplinar o uso da internet em meu democrático país.

Mais alguns cliques e passarei horas rolando o feed das redes sociais. Pensarei sobre o medo do cancelamento, gastarei meu tempo hipnotizada e imersa em uma realidade utópica, opinando na condição de juíza e especialista em assuntos aleatórios.

Olho pela janela e sinto um imenso vazio por vislumbrar uma realidade que pouco parece com o Estado Democrático de Direito da Constituição Federal ou com o estado das coisas do mundo virtual.

Para além dos sonhos e utopias dos constituintes de 1988, reflito sobre os caminhos do meu país e os anseios de todos os meus seguidores.

O algoritmo da rede traz novos conteúdos que poderão interessar. Rolo mais um pouco o feed antes de seguir para o mundo real.

"O que é Democracia?", surge em uma publicação. Digito a pergunta na busca da IA para receber uma resposta rápida e objetiva.

Logo, uma gama de informações surge na tela. Muito texto a ser lido para tão pouco tempo. Passo os olhos pelas palavras que surgem, como se todo o conteúdo pudesse ser resumido em poucos caracteres. Eis que surge Rui Barbosa conclamando: "A pior democracia é preferível à melhor das ditaduras".

Penso que o ilustre advogado, defensor da democracia e dos direitos individuais, teria muitos seguidores em suas redes.

Em tempos de eleições, falar sobre democracia e cidadania pode ser uma boa pauta para a próxima live. Posso convidar um influenciador, um coach, alguém com inteligência emocional que defenda teorias da prosperidade para falar sobre política. Assim, terei ainda mais engajamento.

Vejo o café esfriando sob a mesa. Sento e tomo um gole. Não gosto de café amargo, mas li em algum lugar que melhora as conexões entre os neurônios no cérebro.

Reflito sobre o cenário político atual, sobre o que tenho curtido e compartilhado do tema. Será que desagradei algum seguidor? Será que compartilhei alguma fake news?

Sinto um gosto amargo na boca, ao mesmo tempo em que constato que a conexão da internet está péssima.

Ligo a televisão e vejo a transmissão de uma audiência pública sobre educação midiática e educação política. Penso que seria um bom tema para postar nos próximos dias, tão perto das eleições municipais.

Aumento o volume para ouvir o que o parlamentar tem a dizer no exercício de suas prerrogativas constitucionais.

O político fala em alto e bom som sobre políticas públicas para o ambiente digital e afirma que o combate às fake news fortalece tanto a democracia quanto o exercício da cidadania.

Desligo a TV, tomo mais um gole de café e penso nos novos desafios da democracia e da cidadania no mundo digital.

O alarme toca, avisando que é hora de parar com essas divagações democráticas.

Wesley Ribeiro Silva

O grande debate das cadeiras

Era uma tarde ensolarada em Brasília, e o plenário estava cheio. O que deveria ser um debate civilizado sobre a corrida pela prefeitura transformou-se em um espetáculo bizarro. As promessas de mudança e a esperança de um futuro melhor foram rapidamente ofuscadas por gritos e ataques pessoais. E, em um momento de pura indignação, um deputado se levantou e, com um movimento brusco, desferiu uma cadeirada em seu oponente. O impacto ressoou, não apenas pela madeira contra a pele, mas pelo estrondo que ecoou na consciência coletiva da nação.

Assistindo à cena, o público se dividiu entre a incredulidade e o riso nervoso. Afinal, essa era a política brasileira: um embate entre ego e vaidade, onde os ideais de democracia e cidadania pareciam ter se evaporado em meio a disputas por uma cadeira na prefeitura. O sonho de um governo mais justo e responsável se desmanchava em meio a cadeiradas e ofensas, e a pergunta que pairava no ar era: até onde chegaremos com esse tipo de política?

A democracia, um dos conceitos tão glorificado, parecia ter se tornado um mero jogo de interesses pessoais. Em vez de um diálogo construtivo sobre as necessidades da população, o que se via eram disputas por protagonismo. A cidadania, esse ideal que deveria unir a sociedade em torno do bem comum, se desfez em aplausos e vaias, em vez de um verdadeiro engajamento cívico.

É inegável que a política precisa de fervor, mas essa chama não pode se transformar em incêndio. Precisamos urgentemente resgatar a ideia de que a democracia não é apenas uma arena onde se disputam cadeiras, mas um espaço onde se discutem ideias. As disputas precisam ser sobre propostas, não sobre cadeiradas. É essencial que, ao invés de insultos, surjam debates que levem em conta as vozes das comunidades, as necessidades reais da população.

Como podemos falar de cidadania se, na prática, ela se resume a ver quem dá a melhor cadeirada? Precisamos de um movimento que vá além das utopias. A mudança não virá apenas das promessas feitas em palanques, mas do engajamento de cada cidadão. É necessário que nos tornemos protagonistas de nossas histórias, participando ativamente da política e exigindo respeito, não apenas por nós mesmos, mas por todos os que dependem de uma gestão pública decente.

Que o grande debate das cadeiras nos sirva de lição. Que possamos olhar para essa cena emblemática e perceber que a verdadeira mudança começa com o respeito ao próximo, com a disposição de ouvir e aprender. Se queremos uma democracia que realmente represente o povo, é hora de deixar as cadeiradas para trás e abraçar a construção de um futuro onde a cidadania seja valorizada, e não apenas um conceito bonito em discursos vazios.

Schleiden Nunes Pimenta

Caros amigos

Imagine um passeio na cidade. É domingo. Os seus amigos te esperam pra fazerem um slam. Mais à noite, um show de rock.

Imagine um guarda-roupa abastado; você pode escolher o que quiser. Camisas lisas, blusas com frases lacradoras, calçados que te representem. Ou roupa alguma se quiser.

Imagine encontrar-se com os amigos e contar suas piadas, as histórias da semana; pôr pra fora a pressão da sua casa e da escola.

Imagine que você tem amigos assim, em que se possa confiar, a quem você confia a própria vida. Amor! é bossa nova o que se toca ao violão. Porque há um violão e você tem um grande amor.

Imagine que entre os amigos você tem um grande amor, que te faz sorrir, que faz seu peito retumbar, tirar de você o pior que há, que te faz ser a melhor versão de si.

Imagine poder dizer onde, como e quando quiser o quanto quer bem o seu amor; imagine andar pelas ruas, o dia inteiro, com seus amigos, comendo, e se divertindo, filosofando e cantando até cansar.

Imagine-se no alto da juventude, na polpa da adolescência; a rebeldia à flor da pele, o sonho de fazer o mundo um lugar de amor e paz.

Imagine que o mundo não é tão mau, que o céu é azul, que a grama é verde, que os seus direitos são os mesmos direitos que todos têm; que a liberdade para ser só o que se é, genuinamente, é logo ali.

Imagine saber que o futuro será melhor, que se tem a vida inteira pela frente, que o segredo da existência é amar e enfim amar.

Você nunca terá isso porque esses seus amigos não voltaram do DOI-CODE em SP.

Bruno Sato Feliciano

O grito das excluídas

Bruna, grávida de oito meses, caminhava sob o sol escaldante em direção ao posto de saúde. Seu pré-natal estava atrasado, não por descuido, mas por falta de vagas. O sonho de ser atendida em uma maternidade limpa e acolhedora, como nas propagandas de planos de saúde, parecia distante. Em casa, imaginava-se recebida por enfermeiras sorridentes, sendo chamada pelo nome, cuidada com carinho. Mas, na prática, o que tinha era a realidade: consultas adiadas e exames remarcados, sempre para "daqui a três semanas", que se tornavam seis ou mais.

Naquela manhã, enquanto esperava mais uma vez, Bruna sentiu um desconforto. Ao seu redor, a sala de espera estava cheia de olhares perdidos e conversas resignadas. Nada de extraordinário parecia estar prestes a acontecer, apenas mais um dia comum de descaso. Ela achava que voltaria para casa com mais uma remarcação, sem alarde.

De repente, as contrações começaram. A dor apertava o corpo de Bruna, e as outras mulheres ao redor perceberam. Correram até a recepção. "A ambulância deve demorar", disse a atendente com um olhar acostumado àquele tipo de urgência. Não era surpresa para ninguém. O que era para ser um chamado imediato virou apenas mais uma espera interminável.

Enquanto todos esperavam a ambulância que, em teoria, chegaria em breve, a situação mudou rapidamente. Bruna começou a sentir que o bebê estava vindo. Mas em vez de gritos de pânico, ela permaneceu surpreendentemente calma. As outras mulheres, sem nenhuma enfermeira à vista, se aproximaram. Uma delas, mais velha, tomou a liderança da situação.

A quebra de expectativa começou ali. Bruna sempre imaginou seu parto cercado de médicos, monitores e enfermeiras. Nunca havia pensado que daria à luz ali, no chão frio de um posto de saúde. Mas, ao invés de desespero, havia uma solidariedade inesperada. As mãos das outras mulheres a seguraram, oferecendo o apoio que o sistema lhe negava.

O bebê nasceu ali, cercado por mulheres que também sabiam o que era estar à margem. Não havia lençóis brancos nem câmeras registrando o momento, como nas propagandas de planos de

saúde. Apenas o chão do posto e o cuidado de quem não era paga para cuidar, mas sabia, pela experiência, o que significava ser ignorada.

A ambulância nunca chegou a tempo. Mas, ao contrário do que se esperava, o desfecho não foi de caos ou tragédia. O bebê estava bem, Bruna estava bem, e as outras mulheres ao redor, cada uma com sua própria história de exclusão, sentiram, por um breve momento, que juntas haviam feito algo extraordinário.

O silêncio após o parto foi profundo, quebrado apenas pelo choro do recém-nascido. Não foi o grito de socorro que Bruna esperava, não foi o chamado do resgate oficial. O grito dos excluídos, naquele dia, foi abafado, substituído pelo ato inesperado de apoio e solidariedade. Uma surpresa amarga: o sistema falhou, mas as mulheres não. O grito não veio como pedido, mas como resposta.

Marina Barrichello Marone

Mamãe resistiu

Mamãe não discute política. Às vezes, durante o café da manhã, tento provocá-la: aborto, desigualdade, racismo institucional… Ao me ouvir falar sobre o absurdo de algum político ou problema social, ela suspira. Respira fundo, mergulhando no poço da xícara suja de batom vermelho. Isso quando não resmunga, limpando o cantinho da boca colorida:

— Não sei dizer…

Arrisco:

— E a ditadura? O que acha?

As sobrancelhas falhas de minha mãe alçam o couro cabeludo e sua boca engruvinha no colo. As palavras morrem no esôfago, engasgando-a com letras miúdas. Ela levanta, tira os farelos de pão francês do vestido e some no corredor. Sozinha, à mesa, fico aglutinando grãozinhos de açúcar com o dedo indicador.

***

Mamãe, ou Fernanda, nasceu em 1965. Chorava no hospital, entupida de vida até os miolos, enquanto era copiada por opositores nos departamentos de polícia de São Paulo. Uma cidade de pólvora, pau-de-arara, choques elétricos nas genitais. Mas isso nunca foi uma questão para mamãe e sua família: enquanto vovô sumia de farda e sapato social, vovó deixava as filhas brincando na rua. Gostava, nesse intervalo, de ler as receitas de bolo e poemas de Camões no jornal. Era tudo tão tranquilo! Guardava as edições favoritas em caixas metálicas de bombons sortidos. A casa, ainda hoje, é cheia de versos e fotos de mamãe comemorando a Copa de 70. O sorriso aberto, o rosto pintado, a vuvuzela… A família unida, os quitutes, o Brasil que deu certo. Salve a seleção! Circundada por migalhas, 14 versos decassílabos, futebol e Stuarts Angels com as bocas presas aos escapamentos de carros que Fernanda floriu.

Em 83, vieram os seus 18 anos. Idade do vestido curto, da umidade na calcinha, do coquetel! Perto da Sé, onde moravam, as bandeiras amarelas faziam cócegas nos dedos de Deus, cutucando a Família em prol da Liberdade. Os manifestantes erguiam os braços, as pessoas relinchavam "Diretas Já" com gengivas, dentes, sangue na língua… Animais de guerra pela Democracia. E cadê a minha mãe?

Em casa, de frente para a tevê, resmungando um "não sei dizer, não sei dizer" com um cigarro suicidado nos lábios vermelhos.

Escuto passos.

***

Do corredor, vejo mamãe. Não diz nada: apenas senta ao meu lado e me entrega uma fotografia. Olho o verso primeiro: Setembro, 1973. Fernandinha e Emílio. Na hora, quase cuspo meus olhos. Viro o papel pisado. Na foto, de dobras bem marcadas, observo o general Emílio Garrastazu Médici carregando a minha mãe, de 8 anos, no colo. Fernandinha chora, enquanto é segurada por um bicho papão do mundo real. A mãozinha parcialmente erguida, os dedos apertados na palma branca. Um punho.

Enfim, compreendo.

Jeinni Kelly Pereira Puziol

"É que serve de farol"

A primeira vez que ouvi "A luz de Tieta", de Caetano Veloso, na Concha Acústica do Teatro Castro Alves, Salvador, quem cantava era Gilberto Gil e Filhos de Gandhi. Fiquei extasiada ao ouvir como a plateia cantava, não sabia a letra, mas sentia a vibração. Chamou atenção os versos "Quem não finge quem não mente. Quem mais goza e pena. É que serve de farol". Quantos faróis da arte, literatura, música, teatro, política, intelectualidade, nós brasileiros tivemos iluminando os tempos obscuros das décadas de 1960 a 1980? Extensa lista. Mas além destes, também tivemos os anônimos, que durante e após a ditadura, expressaram a coragem do presente, como a professora de que falarei mais adiante. Frequentei a Educação Básica a partir do final da década de 1980. Tive a oportunidade de vivenciar um ambiente de reconstrução do diálogo, da vivência coletiva na diferença. Nessa época, meus pais não eram conservadores, tampouco progressistas. Mas ainda que timidamente, livros de literatura eram presentes, contando com a aleatoriedade dos vendedores que batiam de porta em porta. Meus pais eram unânimes quanto ao caminho a ser traçado pelos filhos, "quem não vai pra escola fica burro". Desde cedo achava o burro um animal simpático, sobretudo comendo jaca, mas entendia que neste contexto era melhor não arriscar. Me formei professora. Em minha trajetória a escola teve uma influência criadora. O ambiente escolar era prazeroso, divertido. Naquele tempo não fazia ideia das lutas travadas para que estivéssemos ali, gestando uma escola pública, gratuita e de qualidade para todos. Uma escola desejante de aprendizagem, não uma repetição morta. Nessa época, no antigo primário, a professora Zara foi quem me serviu de farol, trazendo luz para meus sonhos e realidade, jogando adubo orgânico em meu brotinho de epistemofilia. Já gozando de prestígio entre nós, pois nos escutava, surpreendeu a turma toda quando levou, numa grande bacia de alumínio, as vísceras de um porco para a aula de ciências. Mal repousou a bacia em sua mesa, senti o cheiro acre. A turma que era quente, ficou ligeiramente arrepiada. Nos aproximamos aos poucos. Mas em alguns minutos os dedinhos tocavam piano no interno do porco. Não apenas tocar, consegui agarrar a língua, o fígado e o coração. Incrível. Além das explicações biológicas, a professora Zara nos chamou a pensar sobre uma história. Seu pai cuidava de uma pequena mata onde as árvores não podiam ser derrubadas.

Criava os porcos soltos e felizes, só os matava quando precisava de comida. Escutávamos a história com entusiasmo e permanecíamos fascinados pelas partes que ainda pareciam vivas. Até hoje, sinto o cheiro daquela manhã quando a natureza assim deseja. Ainda sobre a ousadia da professora Zara, soubemos depois que fora reprimida pela direção da escola, que já não tinha nosso apreço. Durante o recreio, enquanto estralávamos as sementes de beijinho, planejamos levar um porco vivo para soltar na escola e dar um susto na diretora, mas o porco, que desfrutava de boa reputação conosco, livrou-se desta. As aulas de ciências eram aguardadas, a professora Zara, mesmo nos levando o porco em partes, nos colocava inteiros no processo e na percepção do outro, igualmente inteiro. Ainda que sem entender a importância de tudo aquilo, aprendemos sobre animais, humanos e não humanos, sobre natureza e sociedade. Respeito e dignidade. Além disso, ainda que fôssemos muitos pequenos, nos foi ensinado desejar o conhecimento e a transformação que pode gerar. Democracia e cidadania é direito à educação. Hoje, como professora, gozo e peno, e se não consigo ser o intrépido farol que foi a professora Zara, sei que pelo menos uma vela ou lanterna mantenho sempre acesa aos meus alunos, valorizando toda luta travada nos tempos sombrios que não vivi, mas aprendi nos livros mediados por outros professores-faróis que tive a alegria de ter.

Lucio Rodrigues Junior

Memória e justiça: a importância de lembrar para não repetir

Em uma manhã ensolarada de outubro, João caminhava pelas ruas de sua cidade, refletindo sobre os rumos do país. As eleições se aproximavam, e ele sentia a responsabilidade de exercer seu direito ao voto. Para João, a democracia não era apenas um conceito abstrato, mas uma prática diária, uma construção coletiva que exigia participação ativa.

Lembrava-se das histórias que seu avô contava sobre os anos de chumbo, quando a liberdade era um sonho distante e a cidadania, um privilégio restrito. O golpe militar de 1964 havia marcado profundamente a história do Brasil, instaurando um período de repressão e censura. Mas, mesmo nos tempos mais sombrios, a resistência florescia. Artistas, intelectuais e cidadãos comuns encontravam maneiras de expressar suas vozes, desafiando a truculência do regime.

João pensava nas Diretas-Já, movimento que comemorava 40 anos. Era um marco na luta pela redemocratização, um grito de esperança que ecoava nas praças e ruas do país. Seu pai, ainda jovem na época, participara das manifestações, acreditando que um futuro melhor era possível. A conquista do direito ao voto direto para presidente foi um passo fundamental na reconstrução da democracia brasileira.

Hoje, João via a democracia como um processo contínuo, que ia além dos sonhos e utopias. Era necessário estar vigilante, participar ativamente, cobrar transparência e justiça. A cidadania, para ele, não se limitava ao ato de votar, mas incluía o engajamento em causas sociais, a defesa dos direitos humanos e a promoção da igualdade.

Enquanto caminhava, João observava a diversidade ao seu redor. Pessoas de diferentes origens, culturas e crenças conviviam na mesma cidade, compartilhando o espaço público. Essa diversidade era, para ele, a essência da democracia. Cada voz, cada história, contribuía para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Ao passar por uma escola, viu crianças brincando no pátio. Sorriu, pensando no futuro que desejava para elas. Um futuro onde a democracia fosse sólida, onde a cidadania fosse exercida plenamente, onde os sonhos e utopias se transformassem em realidade. Sabia que isso exigiria esforço, dedicação e, acima de tudo, esperança.

João chegou à praça central, onde um grupo de jovens discutia política. Aproximou-se, interessado em ouvir suas opiniões. A conversa era animada, cheia de ideias e propostas. Sentiu-se inspirado pela energia e pelo compromisso daqueles jovens. Percebeu que a luta pela democracia e pela cidadania era intergeracional, um legado que passava de geração em geração.

Ao final do dia, João voltou para casa com o coração cheio de esperança. Sabia que a caminhada era longa, mas estava disposto a seguir em frente. Para além dos sonhos e utopias, acreditava na força da ação coletiva, na importância de cada gesto, de cada palavra. A democracia e a cidadania eram, para ele, mais do que ideais; eram práticas diárias, construídas com coragem e determinação.

Andre Luis Soares

MPB - a canção da liberdade

Nos sombrios anos da ditadura militar que se instaurou no Brasil em 1964, a Música Popular Brasileira (MPB) emergiu como farol de resistência e esperança. Em meio à repressão, censura e silenciamento, os compositores e intérpretes da MPB transformaram suas canções em poderosas armas de contestação, utilizando a arte como meio de expressar a insatisfação e a luta por liberdade.

A MPB, com sua riqueza melódica e lírica, tornou-se reflexo da realidade social e política do país. As canções, muitas vezes envoltas em metáforas e simbolismos, abordavam temas como a opressão, a injustiça e a busca por futuro melhor. Os compositores, ao invés de se calarem diante da censura, encontraram na música espaço para questionar e criticar o regime, desafiando a narrativa oficial e dando voz aos que eram silenciados.

O movimento tropicalista, em particular, destacou-se por sua ousadia e inovação. Com estética que misturava elementos da cultura popular e da vanguarda, os tropicalistas não apenas questionaram a realidade brasileira, mas também propuseram nova forma de ver o mundo. Suas canções, repletas de ironia e crítica social, capturaram o espírito de uma geração que ansiava por mudança. Através da música, eles não apenas refletiram a insatisfação popular, mas também inspiraram sentimento de união e resistência.

Os festivais de música, que se tornaram palco para a MPB, eram mais do que simples competições artísticas: eram verdadeiros atos de resistência. Nesses eventos, a música se transformava em grito coletivo por liberdade, onde a arte se entrelaçava com a política. As canções que ecoavam nos palcos se configuravam, muitas vezes, em convite à reflexão e à ação, mobilizando a juventude e despertando a consciência crítica num momento em que a apatia poderia ser a resposta mais fácil.

A censura, embora tentasse silenciar as vozes dissonantes, apenas evidenciou a força da MPB. As perseguições aos artistas, as prisões e os exílios tornaram-se parte da narrativa da resistência. Cada canção censurada era um lembrete de que a arte não poderia ser contida, e que a luta pela democracia era uma luta que transcendeu os limites da música. A MPB se tornou símbolo de coragem –– testemunho de que a liberdade de expressão é um direito inalienável. Com o passar do tempo, as canções da MPB se tornaram hinos de

resistência, ecoando nas ruas e nas manifestações. Tais canções não apenas narravam a dor e a luta do povo, mas também celebravam a esperança de um futuro livre e democrático. A música popular brasileira, portanto, não foi apenas um reflexo da realidade, mas uma força propulsora na luta pela democracia.

Hoje, ao ouvirmos essas canções, somos transportados a um passado de luta e resistência, pois tais músicas nos lembram da importância da arte como meio de contestação e transformação social. A MPB, com sua capacidade de emocionar e mobilizar, continua a ser legado vivo da luta pela liberdade, um testemunho de que a música pode, sim, mudar o mundo. E assim, a canção da liberdade ressoa, eternamente, na memória de um povo que não se deixou silenciar.

Rafaela Aparecida Schendroski Silva

Democracia e cidadania: um manual de sobrevivência

Se eu pudesse, eu criaria uma cartilha da cidadania. Não aquela que a gente aprende na escola com frases grandiosas tipo "*todo poder emana do povo*" — como se o povo andasse por aí com um cetro e uma coroa. Não, eu criaria uma cartilha bem prática, tipo: como sobreviver à fila do SUS sem perder a fé na humanidade (ou, mais importante, a vontade de viver); ou como não entrar em combustão espontânea quando aquele *cidadão* da frente decide pedir "só mais uma" pizza no iFood enquanto o carro dele ocupa a vaga de idoso.

Democracia, eu descobri, não é um sonho. É um lugar que a gente visita com a frequência de quem vai ao dentista — você sabe que precisa, mas no fundo espera que dure o mínimo de tempo possível e que ninguém te torture muito no processo. Todo mundo fala sobre a importância de participar, de votar consciente e, o mais difícil, de continuar consciente depois da eleição. Mas ninguém fala sobre o que fazer quando você percebe que o seu candidato da esperança era só mais um meme com pernas.

A utopia, essa sim, é fácil de vender. Vira e mexe aparece alguém no Instagram com uma frase tipo: *"O país que queremos é o país que fazemos"*. Aí eu me pergunto: e se o país que a gente quer é só um com pão na chapa com um pingado na padaria por menos de 15 reais? Tem horas que o sonho de uma nação justa e igualitária parece mais distante do que Marte — e olha que a NASA tá mandando foguete pra lá todo ano.

Cidadania, de verdade, é uma coisa muito mais simples do que parece. É dar bom dia pro porteiro, saber o nome do carteiro (quem ainda recebe carta, né?), e não jogar lixo na rua. Ser cidadão é mais do que apertar um botão verde na urna. É saber que às vezes o que a gente precisa mesmo é só não ser um pé no saco. Porque na prática, o país é construído por nós, mas não só pelos nossos votos. Pelo jeito que estacionamos o carro, tratamos o garçom, discutimos no grupo de WhatsApp da família.

No fundo, ser cidadã, pra mim, é aquela mistura agridoce de saber que as coisas podem melhorar, mas que também podem piorar — e a gente vai ter que lidar com as duas realidades. E vai ser meio como aquela reunião de condomínio que todo mundo promete que vai ser rápida, mas no fim sempre vira uma guerra de egos e chá de cadeira. A democracia é mais ou menos isso: uma reunião de

condomínio gigante onde todo mundo quer dar a sua opinião, mas ninguém quer de fato fazer o trabalho pesado de arrumar o prédio.

Mas no fim das contas, a gente segue. Porque, no fundo, a democracia é como aquele parente chato no Natal — você não escolheu, mas aprende a conviver. E quem sabe, com sorte, um dia a gente olha pra tudo isso e pensa: *não é que a utopia estava bem aqui o tempo todo?*

Mas, por via das dúvidas, melhor ir com calma no discurso do "todo poder emana do povo". Vai que o povo tá com sono. Pra variar.

Leila Paula da Silva Morais

A melhor herança

O neto mais velho estava passando o fim de semana na casa dos avós. Acordou cedo para acompanhar a rotina e sentou-se à mesa De repente vê seu "velhinho", de oitenta e oito anos aflito entre santinhos de candidatos às eleições municipais.

— Difícil! - Resmungou o avô.

— O que foi, vô? - perguntou o neto.

— Tenho medo de votar errado!

O neto não acreditava estar ouvindo isso pois o avô a seu ver já estava fazendo hora extra apesar da boa condição mental. Sentiu-se atordoado em meio a vontade e a dúvida de dizer o que realmente estava pensando:

— O senhor está falando das eleições?

— Estou sim! Está difícil exercer a democracia com estes candidatos que temos. Só me resta o voto útil no candidato mais jovem que tem propostas boas para a educação e cultura.

— Então o senhor não sabe? O voto para mim que tenho dezessete anos e para o senhor que passou dos setenta é facultativo! Não precisamos nos preocupar com isso...

— Como não? – Perguntou o avô indignado. Eu sei que não me resta muito tempo, mas voto pela sua irmã que ainda não vota e que precisa que eu e os demais cidadãos desta cidade escolhamos os representantes deste município! Por acaso você não sabe que a política decide tudo a nossa volta? A democracia e a cidadania é um direito que quero exercer até o fim de meus dias...

— Mas vô, esses políticos são todos corruptos, até o mais honesto que entra com boas intenções se corrompe.

— Filho, a gente precisa acreditar que nosso voto tem poder e que ele mudará a realidade de alguém, ainda que não seja a nossa. Estar com a vida arranjada e não ser obrigado a exercer este direito como cidadão não livra minha consciência acerca das minhas responsabilidades enquanto ser humano. Eu quero ser lembrado quando um dia eu não mais estiver entre vocês e alguém dizer "O vô ajudou a eleger o candidato que criou a escola do bairro, que restaurou o cinema e trouxe de volta os projetos musicais".

O neto agora não estava intrigado, mas comovido com a declaração do avô.

— Tudo bem, vô! Tens razão. Vamos terminar nosso café e eu acompanho o senhor até a sessão eleitoral.

O avô então colocou os santinhos ao lado e pegou o prato de uvas com morangos vermelhinhos, contrastando com as sementes de chia. Encheu uma colher da mistura e abocanhou satisfeito.

Sua satisfação e pressa para exercer a democracia mais um ano era tão grande que não tomou cuidado e acabou se engasgando. Tossiu, tossiu, e começou arroxear. O neto todo preocupado pegou o celular e discou desesperadamente à unidade de pronto atendimento mais próxima, mas fora informado que o único motorista de plantão tinha ido votar naquele exato momento.

Com o coração em desespero e os olhos em prantos buscou na internet uma manobra que pudesse ajudar seu avô que já não respirava...

Respirou fundo e enquanto o vídeo ensinava a manobra, ele executava. Felizmente na terceira tentativa, o avô cuspiu um pedaço de morango sobre a mesa.

— Está tudo bem, vô?

— Está sim! Vamos votar!

Aliviado nem perguntou se o avô queria esperar um pouco para se recuperar do susto. Perguntou apenas:

— Quais candidatos têm propostas para aumentar os motoristas que trabalham na saúde?

Lucas Araújo Martins

História real de um personagem fictício

Hoje, passados 60 anos do golpe levado a cabo pelos militares, que beneficiou direta e indiretamente empresários do campo e da cidade, a vida seguiu, e com ela sigo tentando caminhar junto. Isso não significa que deixei de lembrar desse período, até porque nunca esqueci. Ainda passo noites em claro pensando naqueles que foram tirados do nosso convívio cotidiano e em todos os sonhos brutalmente interrompidos.

Os traumas das torturas estão impressos profundamente em nossos corpos. Outro dia, tive que interromper a aula para respirar, em meio a uma crise de pânico. Para além das torturas físicas, foram inúmeras as violências mentais. Minha goela sempre dói quando lembro da filha de um grande amigo e militante que segue desaparecido. Quando ela, ainda criança, tentava visitar o pai, brincavam sadicamente com a sua prisão e desaparecimento, ora dando esperança de reencontro, ora sugerindo sua morte. São 60 anos de impunidade para quem torturou, matou e desapareceu com amigos e amores. O direito ao luto segue sendo negado.

Normalmente, por força do hábito e da idade, acordo cedo. Faço um café, asso um pão, leio algumas notícias, brinco com meu neto e converso com minha esposa. Sempre que posso, tomo café com minha família. Se há um cruel e forçado aprendizado daquele período para nós que lutamos em defesa do que acreditamos, é que a gente sai de casa, mas não tem certeza se volta.

O golpe de 64 nos atravessou de diversas formas. É difícil descrever para outros os efeitos de perder o emprego, viver na clandestinidade e ver seus pais queimando qualquer vestígio de vínculo com você, sob risco de prisão ou de algo pior. Para muitos de nós, foi um momento de profunda desconfiança, por não saber em quem confiar e se pode confiar.

Apesar disso, nunca deixei de acreditar e lutar. Ainda sigo militando, me organizando e buscando contribuir em qualquer luta que esteja ao lado do povo, seja no sindicato, no partido, no movimento social ou nas reivindicações cotidianas. De uma coisa eu tenho certeza: só as saídas coletivas apontam para uma solução para essa profunda crise social em que estamos inseridos.

Como boa parte dos brasileiros que não são herdeiros, sigo trabalhando, apesar dos sinais da velhice. E mesmo com a

precarização, a terceirização, a uberização e tantas outras "-zações" que se impõem a nós, trabalhadores, tenho muita esperança na nossa capacidade de superar tudo isso. Esses dias, meu neto e alguns amigos dele chegaram em casa contando animadamente como foi a manifestação contra essas (de)formas trabalhistas.

Há um reconforto em ver que essa chama da indignação e a busca por um mundo melhor não se apagaram, contrariando todas as vozes que dizem que não vale a pena se organizar e lutar. Não estávamos e não estamos sozinhos. Há quem luta pela memória dos mortos de 64 e pelos que nos deixaram devido à gestão criminosa da COVID-19. Ainda ecoam os gritos de: sem anistia!

Vicente Geraldo de Melo Neto

Crônica sobre um conto de fa(r)da

Eu vivi durante o auge da sangrenta ditadura militar. Na escola, na igreja e nas casas dos amigos, cresci ouvindo as pessoas exaltando os militares. Na minha casa, meu pai amiúde repetia que no exército eu viraria homem de verdade, aprenderia somente coisas boas e me tornaria alguém na vida com muita dignidade. Como assim?

Sim, mesmo ainda criança, eu confesso, sempre desconfiei literalmente daquela conversa paternal sem nexo. Por que somente o exército me faria virar homem? Por que meu pai não me incentivou a estudar para ser alguém na vida? Inversão de valores, ignorância e alienação política juntos. Porém, respeitando meu pai, amiúde optei por ficar calado evitando suscitar discussões inúteis.

O tempo passou, eu completei dezoito anos e me alistei no obrigatório serviço miliar.

Numa segunda-feira chuvosa, eu cheguei, me apresentei no quartel e entrei na enorme fila. Certa hora, atacado por um tique nervoso da longa espera, comecei a bater a cabeça na parede. No mesmo instante, regido por um tenente déspota, fui humilhado, achincalhado e virei motivo de chacotas. No final, fui dispensado por insuficiência física e mental, mero eufemismo para doido.

Mesmo dispensado como maluco, eu voltei para casa sorrindo, cantando e irradiando alegria. Continuei estudando. Na verdade, nunca me arrependi de não servir para servir a pátria, para mim, sem dúvida alguma, um ano perdido na vida. Aliás, como diz a bela canção de Raul Seixas, se fosse tão bom assim não seria imposição.

Após a minha dispensa da obrigação militar, eu acompanhei mais três amigos recrutados para servir o exército em plena ditadura. O primeiro, em um ano, conheceu facínoras, ladrões e traficantes de drogas. O segundo, flagrado roubando armas no depósito do quartel para vender, foi julgado, condenado e expulso da instituição. O terceiro, além de cometer pequenos furtos, foi preso por tráfico de drogas, mas, no entanto, protegido por um capitão pederasta, continuou servindo até o dia da sua baixa.

Sendo assim, meus três amigos serviram as Forças Armadas, o Exército e a Pátria. Porém, nenhum deles virou homem de verdade, não aprendeu somente coisas boas e muito menos se tornou alguém na vida. Pelo contrário, o primeiro virou traficante de drogas,

assaltante e membro de uma perigosa quadrilha de ladrões de carros. O segundo virou alcóolatra, viciado em drogas e morreu de overdose de cocaína na porta de um bar. O terceiro virou estelionatário, cafetão e explorador de travestis nas noites gélidas da cidade. Sim, eu tenho vontade de escrever as suas histórias. Quem sabe um dia?

Portanto, contrariando a realidade, meu pai errara em seus conselhos. As outras pessoas, seguindo os mesmos pensamentos alienados de acreditar na farsa do progresso, da paz e da segurança nacional preconizada pelo sangrento regime militar, também erraram. Assim, diante de três realidades concretas, as Forças Armadas falharam como instituições exemplares para se formar cidadãos do bem.

Hoje, recheada de polêmicas, falcatruas e escândalos envolvendo militares de todas as patentes, parte das Forças Armadas está desmoralizada diante da sociedade. Isso ficou bem claro, provado e comprovado. Porém, como para tudo na vida existe exceção, nem todos seguiram a estupidez, a involução e o retrocesso explícito da tentativa de um outro golpe militar. Ufa, a democracia venceu!

Por outro lado, eu sempre tive razão em acreditar na educação como o melhor instrumento para se formar cidadãos responsáveis, íntegros e probos. Além do mais, numa atitude de pura sapiência, sempre preferi carregar livros debaixo do braço ao invés de esconder armas na cintura. Na verdade, sempre acreditei na liberdade da utopia vencendo a obscuridade da distopia.

Fabiano Ferreira Martins

Ainda na mesma, querido Paulo Freire!

A um mês das eleições municipais, vasculho a lista de candidatos do município onde moro e não consigo decidir em quem votar nesse ano. Sinto-me procurando uma palha em uma caixa de agulhas contaminadas. Todas as opções me parecem péssimas.

No entanto percebi que esse descontentamento não aflige só a mim. Ouvi de alguns conhecidos que "o jeito vai ser escolher o menos pior". Porém tenho certeza que já ouvi essa frase em eleições passadas.

Para piorar, ouvi um candidato dizendo que "todo poder emana do povo [...]", citando o parágrafo único do primeiro artigo da Constituição, e não consigo deixar de pensar que não faço parte desse povo, pois não me sinto nenhum pouco poderoso, representado ou minimamente considerado.

Lembrei-me de uma frase famosa e muito interessante, erroneamente atribuída a Winston Churchill, a qual diz que "a Democracia é a pior forma de governo, com exceção de todas as outras". Ela me vem à mente sempre que vejo certos candidatos sendo eleitos.

No entanto, ao leitor precipitado, quero deixar claro que não defendo outras formas de governo. Não aceitaria viver em nenhum tipo de ditadura ou em um tipo de Democracia à grega, onde apenas uma pequena elite intelectual e econômica pudesse decidir tudo sozinha (mesmo tendo a impressão de que é exatamente isso que acontece).

Apenas é difícil manter o otimismo depois de ver na internet alguma imagem dos atentados de 8 de janeiro de 2023, após ler algum comentário de alguém pedindo intervenção militar, ou ouvir algum parlamentar citando trechos da bíblia para defender ou atacar uma proposta de lei (mesmo estando em um Estado laico).

Parece que, mesmo depois de 39 anos do fim da ditadura cívico-militar, ainda não conseguimos remover toda a sujeira que foi jogada para debaixo de nossos tapetes, não conseguimos secar todo o sangue e lágrimas derramadas e não enterramos ainda todos os cadáveres desse período nefasto.

O fato é que conseguimos recuperar o voto direto depois de 19 anos de autoritarismo, mas não sabemos ao certo o que fazer com ele. Conseguimos promulgar uma constituição chamada de "cidadã", mas ainda não garantimos o cumprimento integral e universal dos quatro objetivos fundamentais que aparecem em seu terceiro artigo.

E ao tentar entender porque ainda vivemos em uma Democracia tão frágil, sempre ameaçada pelo neoliberalismo fascista conservador, todos os caminhos me levam ao processo de escolarização que sempre tivemos em nosso país.

Há explicações focadas nos candidatos e, assim como Platão defendia o governo dos filósofos, hoje alguns defendem que os melhores governantes seriam os empresários (conveniente, não?).

Todavia, esse tipo de "proposta" só mascara a origem do problema sem mudar as estruturas de poder. Se o povo elege tanta gente despreparada e de caráter abominável é porque nunca nos foi dado o real poder que é o conhecimento. O problema é que nossa jovem Democracia ainda não amadureceu, porque a população não recebe uma educação que realmente ensine a pensar.

Carecemos de educação política no ensino básico, pois raramente aparecem nos currículos oficiais assuntos que ensinem como nosso sistema político funciona, por exemplo, mesmo que muitos professores tentem suprir essa deficiência em suas aulas.

E juntamente a isso, desprezam-se disciplinas como Filosofia e Sociologia, que estimulam o pensamento crítico, substituindo-as por engodos como "projeto de vida" e "empreendedorismo".

Talvez "votamos mal" porque somos impedidos de aprender como "votar melhor". Somos mantidos no "cabresto intelectual", para garantir a vitória dos herdeiros do coronelismo que manterão unida a bancada do "boi, bala e bíblia".

Como bem disse Darcy Ribeiro "a crise da educação no Brasil não é uma crise; é projeto" para que o brasileiro nunca deixe de ser "o homem cordial" que escolhe seus representantes usando a emoção e não a razão. E enquanto nosso sistema educacional continuar produzindo maus eleitores, nosso país continuará sendo mal governado.

POEMAS

Lucio Rodrigues Junior

Sombra e luzes

Há sessenta anos, um golpe sombrio,
Calou vozes, sonhos, esperanças.
A liberdade, em um fio tênue,
Resistia nas sombras, nas lembranças.

Mas a chama da cidadania não se apaga,
Mesmo em tempos de opressão e dor.
Quarenta anos atrás, um grito se alarga,
Diretas-Já! Um clamor de amor.

Efemérides que marcam nossa história,
Fundantes na luta pela reconstrução.
Momentos distintos, mas na memória,
São pilares da nossa nação.

Democracia é mais que um sonho distante,
É ação, é voz, é participação.
Para além das utopias, é constante,
Na busca por justiça e inclusão.

Que a memória do passado nos guie,
Para que nunca mais se repita a opressão.
E que a democracia, firme, sorria,
Nos corações de toda a nação.

Dyuvania Mara Santos do Nascimento

Para além do horizonte

Sonhar não basta,
Quando o sangue clama,
Quando o grito ecoa e o silêncio inflama.
Somos a dor que corre nas veias do mundo,
Somos a voz que desata o nó mais profundo.
A democracia não é vento, nem sonho distante—
É chão de luta, pedra constante,
É o ar que insistimos em respirar,
A cada passo, a cada lugar.

Argentina Alfredo Banze

Ecos em marcha

Há vozes nas ruas que o tempo não apaga,
Vibram nas praças, nas margens, no chão.
Sussurram "direito", gritam "liberdade",
Rasgando o manto da velha ilusão.

Quem somos, senão espectros da luta,
Que em décadas mudas, plantaram o ar?
O chão tremeu, mas a chama que encurta
Fez das Diretas o nosso lugar.

E agora, em brasas, o eco ressoa:
A democracia, por fim, se perdoa?

Vaga a memória por praças esquecidas,
Onde o riso era sonho e o sonho, partida.
Em cada esquina, um nome rasgado,
Em cada bandeira, um fôlego arrancado.

Mas, no sopro dos ventos, algo persiste,
É o canto dos tantos que jamais desiste.
Marcham, ainda, em silêncio ou voz,
Pedindo que a liberdade enfim nos atenda.

E ao fim da jornada, será que restará
A esperança que um dia nos fará respirar?

Maristela dos Santos Freitas

Democracia viva: ecos de liberdade e resistência

Democracia não é sonho distante,
é caminho moldado no passo e na dor,
herança do grito que se tornou constante,
dos que enfrentaram a ditadura e seu terror.

Memória viva de noites sem fim na escuridão,
de vozes sufocadas pela opressão,
mas também de mãos que não se uniram em vão,
em busca da luz, em prol da nação.

Sonhamos liberdade, direitos e vozes,
mas sabemos que sonhar não basta, não mais;
é preciso o calor da luta feroz,
para que o amanhã se construa em paz.

Cidadania é conquista diária e viva,
não nasce onde há medo e aflição;
é o fruto da luta por vozes e vida,
florescendo no respeito e inclusão.

Por isso marchamos, fortes e presentes,
nos trilhos de quem ousou lutar,
pois não voltaremos ao tempo incoerente,
onde a ditadura tentava nos calar.

Para além das utopias e histórias guardadas,
que sejamos a voz da diversidade e união,
num Brasil que abraça seu povo sem opressão,
na força de uma nação revelada,
sem opressão, em plena libertação.

Jucilaine Neves Sousa Wivaldo

Democracia em verso

Na praça as vozes se entrelaçam como fios de uma tapeçaria,
A democracia busca se firmar sob a luz escaldante do sol,
Sonhos driblam as sombras conservadoras e germinam flores
Corações com verdades pulsantes se tornam um só.
Cidadãos caçam a harmonia,
Lembrando as Diretas Já que ecoaram nas ruas,
A utopia se revela no cotidiano,
Nos olhos de cada um, o futuro cintila e lança sua luz.

Ouço o sussurro do povo como um rio que flui,
A história é escrita em cada gesto e movimento,
Desde a Proclamação da República, um novo começo,
Cuidar do outro é renascer.
Na união de todos, o manifesto se faz o clamor da mudança,
Com a Constituição de 88, um passo à frente,
Da ameaçadora incerteza, elevamos ao farol da esperança,
Desafiamos muros, abrimos estradas com ousadia.

A força de agir que desarma a inércia avassaladora,
Em cada semente espalhada, construímos nosso lar,
Que a cidadania floresça, transcendendo o papel,
Em cada alma a chama que se espalha viva.
A democracia, um canto eterno, doce em sua dor,
Como os que lutaram pela liberdade em cada esquina,
Um futuro compartilhado, onde cada voz busca ser ouvida
No ato de falar com respeito à diversidade que a história se ilumina.

Patricia de Almeida Dantas

Democracia

Minha democracia é pelos avessos,
pelos que não tem berços, pelos que não tem pão,
pelos que não tem vida, pelos que não tem chão.

Minha democracia é pelos que não tem vez,
pelos que não tem voz, pelos que são não,
"pelos que são nada", "pelos que nada são".

Minha democracia é pelos que gritam
nos becos, nas praças, nas ruas da contra mão,
pelos amargurados, pelos que se vão.

Pelos sem carne, pelos que são osso,
pelos desapropriados, pelos que estão no poço,
pelos que nunca foram, mas que um dia serão!

Daniel dos Santos Vieira

País tropical

No país tropical ouvindo "Tropicália"
Malandro olhando torto pra quem calça sandália
O que ofendeu, querendo dar represália
Pré-definindo alguém pela sua genitália

No país tropical, apontando pra inocente parafal
No calor de 40 graus, dando grau em "Para Falcon"
Eles exaltam "King", mas olham torto para "Malcolm"
Prego a verdade nua e crua, até mesmo para falsos

No país tropical, acham injusto quando demarcam
Mas acham um mero detalhe quando nossa fauna, eles maltratam
Quando a nossa flora eles desmatam, matam e rematam
"Morreu mais um Yanomami" – Eles olham e se calam

No país tropical, repintando o "Pindorama"
Seu Alcântara na fila do Louvre para emoldurar a Amazônia
Respirando por aparelhos, sendo sufocada pelas chamas
Pessoas urbanas ouvindo muito som urbano e não escutando a quem clama

No país tropical, nem tudo é choro e pranto
Mas nessa nova era, pretendemos reconquistar o nosso encanto
Um país onde outros países pretendem explorar tanto
Devemos impor respeito, pois o solo que pisa é santo

No país tropical, vou gritar até ficar rouco
Esperança disso aqui ser uma potência, mesmo que me chamem de louco
Respeito e cortesia aos nossos povos ainda é pouco
Aguardando libertarem o orgulho de ser brasileiro do calabouço

No país tropical, cantando junto com Jorge Bem
País abençoado por Deus e por outras divindades também
Não ousaremos ser da nossa terra meros reféns
Essa é a geração dos novos reis, eu ouvi um "Amém"?

Anderson da Costa Neukamp

Ecos do passado

Há sessenta anos, um grito silenciado,
Um golpe de sombra, um futuro trancado.
Liberdades ceifadas nas frias madrugadas,
Um país em luto, almas atormentadas.

O povo, então, aprendeu a sussurrar,
Nas letras e notas, a esperança a pulsar.
As artes foram balas, os versos, canções,
Um eco de luta em fervorosas multidões.

E o tempo passou, o relógio não parou,
Quarenta anos se passaram, o clamor ecoou.
Diretas já, em praças, a força ressoante,
Um povo na rua, desejando o vibrante.

Na tela, nas páginas, mil vozes a se erguer,
A resistência brotou e se pôs a florescer.
Das sombras do medo, do silenciamento,
Surge um país sonhando, pulsando em movimento.

Com ironia sutil, e humor na pecha,
Dançamos a dança do caos na cerca.
Entre a dor do passado e a luz a brilhar,
Democracia é arte, é sonho a flutuar.

E se hoje olhamos pra trás, com um gaio olhar,
Que os ecos do ontem possam nos ensinar:
Que a luta continua, não há tempo a perder,
O futuro é agora, vamos juntos tecer.

Democracia e cidadania, além de utopias,
São promessas firmadas em nossas sinfonias.
Estamos na senda, ainda há muito a se fazer,
A voz do povo é arte, a arte é poder.

Dyuvania Mara Santos do Nascimento

A urgência do agora

Cidadania é ato,
Não promessa ao vento.
É a mão que se estende no esquecimento,
É a terra que, dividida, floresce,
A justiça que se planta,
E no silêncio cresce.
O sonho é semente,
Mas o fruto é urgência,
É o suor que não para,
É a força da resistência.

Sebastião Amâncio da Silva

O trem do Brasil

Pão pão, farofa não
Quero minha liberdade de volta
Pão pão, grades não
Não reivindicar o “me solta”

Pão pão, blá blá blá não
Quero expor a minha opinião
Pão pão, me enrola não
Trem injusto como o cão

Pão pão, fome não
Quero comer caviar com Rousseau
Pão pão, prato vazio não
Não o pão que o diabo amassou

Pão pão, promessa não
Quero ver comida no prato
Pão pão, falácia não
Encarar os farsantes do Ato

Pão pão, farofa não
Quero meus punhos sem amarras
Pão pão, censura não
Sem as falsas promessas de farras

Pão pão, mentira não
Quero fazer o que me der na telha
Pão pão, galhofa não
Sem perder a ternura vermelha

Pão pão, atraso não
Quero o trem do Brasil a todo vapor
Pão pão, genocídio não
Sem o clamor do povo a sentir dor

Quero espalhar alegria de novo
A paz e harmonia de volta pro povo

Robinson Silva Alves

Lembranças amargas

Combati o bom combate
Mesmo sofrendo tortura
Em tempos algozes
Da sangrenta ditadura

Lutando por justiça
Cai nos porões
Nas celas da morte
As temíveis prisões

Silenciado por tapas
Na mais pura maldade
Meu grito ainda ecoa
Eterno grito liberdade

Meu corpo destruído
Jogado nas valas do esquecimento
Será a marca viva
De um passado sangrento

Lembrança de morte
De dores e ais
Que um grito esquecido ecoe
Ditadura Nunca mais.

Eliseu Savério Sposito

Grafiti (pela democracia)

Só a morte / amor-tece / amor-daça
Amor-tífero no chão.
Só a morte / amor-tece / amor-daça
Amor-tífero na mão.

Só na palma o napalm bate palma,
solta a alma e acalma galardão.
Só na palma o napalm bate palma
Solta a alma e acalma o capitão.

Eternamente é ter na mente,
Éter na mente, eterna mente sensação.
Eternamente é ter na mente,
Éter na mente, eterna mente cidadão.

Nos barrancos, trancos, flancos, brancos,
broncos, bancos, bingos, balalau...
Leptop, USTop, desentope, Penelope,
envelope no quintal.
Indolência, paz ciência, faz ciência, inclemência,
julgamentos, crescimento sem real.
Repeteco, peteleco, no boteco, teco-teco
no marreco tanto esperto se deu mal.

De confisco, puro disco, São Francisco, tem marisco,
tem um cisco na retina sonrisal.
Diverdade, solidade, vicidade, falsidade na sensível,
perecível cordilheira do Nepal.

Pelo voto, eu devoto, sempre posso, marco passo,
tem espaço no melhor cotidiano.
É na urna, sem coturno, diuturno, relação sempre igual,
que me vejo e desejo todo ano.

Guilherme Giesta Figueiredo

Vozes de chumbo, sementes de liberdade

Na sombra dura de um tempo sem voz,
onde o silêncio era um grito abafado,
caminhamos na estrada dos medos,
sonhando com o que não podíamos tocar.
Nos becos escuros, nas paredes de aço,
o eco da palavra "liberdade" rachava as pedras.

O toque de recolher era mais que o fim do dia,
era o apagar dos olhos, a mordaça invisível.
Mas, no fundo de cada peito oprimido,
uma centelha resistia, uma brasa persistia.
Não era sonho, não era utopia,
era a urgência crua de existir sem jaulas.

O poder de escolher, de ser, de contestar,
foi arrancado, deixado em pedaços nas calçadas.
Cada passo em falso era um risco,
mas o desejo de ser mais que números nunca cedia.

Democracia era palavra proibida,
um sussurro apenas em noites frias.
Entre mãos calejadas e corações feridos,
nascia a esperança de poder e voz divididos.

Não queremos sonhos intocáveis,
nem promessas em papel que se rasgam ao vento.
Democracia não é palavra morta,
não é a utopia de tempos futuros,
é a luta de todo dia, em cada esquina, em cada mão que se ergue.

Cidadania é fome de ser inteiro,
de não se dobrar às correntes do medo.
E a cada nome que se lembra,
e a cada história que se conta,
vemos que a semente plantada insiste em florescer.

Pedro Henrique Lins dos Santos

A Ditadura em meu país

Este é um poema feliz
Apesar do teor dubitável
Escrevo, num anseio indomável
Porque, simplesmente, eu quis.

O rumo trocou meus Brasis
Às três da manhã, em tempo hábil
Varreu-se a maluquice instável
Dando espaço à rocha matriz.

E eu vi: o castelo era gris!
Não branco, nem mesmo a raiz!
Eu disse, e soou desagradável.

Fui pego por vis imbecis
Da forca escapei por um triz
Portanto, a fonte é confiável!

Eu provo; guardo cicatriz
Desse período abominável.

Embora há quem vá pedir bis
É crível que foi lastimável

A ditadura em meu país.

Aline Bischof

Soneto em defesa da democracia

Do sonho democrático, o povo é a voz constante,
Sufocada em sessenta e quatro, sob dura opressão,
Mas nunca silenciada, na luta incessante,
Por justiça, por voto, por uma livre nação.

Nas Diretas, o clamor tomou ruas, multidão,
Reacendendo a esperança após tanta tirania.
Por décadas de censura e medo, a resistência
Fez da arte a **poderosa** arma contra a opressão.

Hoje, a cidadania se ergue, sempre a lutar,
Pelos direitos plenos, igualdade e inclusão,
Pois a democracia é um bem a preservar.

Que o passado nos ensine, em firme devoção,
A defender o que foi sonho, utopia a alcançar:
Liberdade, cidadania e a paz em união.

AUTORES

Alexandra da Silva Gomes

É natural do Rio de Janeiro e graduou-se em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2017. Na pós-graduação, concluiu a Residência Multiprofissional na Estratégia de Saúde da Família (2018-2020) pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz). Atuou como Assistente Social no Núcleo de Apoio à Saúde da Família e, posteriormente, especializou-se em Gestão da Atenção Básica também na Fiocruz. Nos últimos anos, atuou na gestão da Atenção Primária à Saúde como Superintendente de Gestão na Secretaria Municipal de Saúde de Cabo Frio (SEMUSA) e como Referência Técnica da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro (SES) para os 92 municípios do estado. Atualmente, é assessora da Fundação Estatal de Saúde de Niterói (FeSaúde). Além de sua trajetória acadêmica e profissional na saúde pública, Alexandra vem explorando a escrita criativa e, recentemente, escreveu o livro infantil Turminha do SUS, que apresenta o Sistema Único de Saúde às crianças e será lançado em 2025.

Aline Bischof

Está cursando Licenciatura em Letras pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Atualmente, coordena a Comissão de Artes da Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (ASBRAP). Em 2021, foi embaixadora de Rima Jotabé no Brasil e colaboradora do blog Escrita Cafeína. Ela integra duas instituições literárias: a Academia Virtual de Autores Literários do Brasil (AVALB) e a Confraria Internacional de Literatura e Artes (CILA). Atua como delegada da União Brasileira de Trovadores (UBT) em Osasco, promovendo e difundindo a trova como expressão cultural.
É autora do livro de poemas Clarão do Luar, publicado pela Editora Perse, através da Lei Paulo Gustavo, uma realização do Ministério da Cultura do Governo Federal, com o apoio da Secretaria de Cultura de Osasco. Artista multilinguagem, pesquisadora e produtora cultural, é paulistana, descendente de croatas. Seus poemas foram publicados em diversos meios de comunicação, em mais de 80 revistas e 40 antologias literárias, resultando em várias

premiações e menções honrosas ao longo de sua carreira. Seus escritos já alcançaram mais de 15 países. Sua jornada, reflete um compromisso profundo com a expressão artística e a preservação cultural.
Para mais informações, você pode segui-la no Instagram: @aline.bischoff, na página do Facebook: AlineBischoffArtes, e no canal do YouTube: Aline Bischoff.

Anderson da Costa Neukamp

É um profissional multifacetado, com formação acadêmica em Teologia e Administração. Sua trajetória é marcada pela busca constante por conhecimento e pela aplicação desse aprendizado em sua carreira na área de segurança, onde se destaca pela dedicação e compromisso com a excelência.
Além de sua atuação profissional, Anderson é um apaixonado pela poesia. Em 2019, ele foi premiado no 1º Concurso Poesia da Páscoa Cidadã, realizado em Muriaé - MG, onde conquistou o 3º lugar, evidenciando seu talento e sensibilidade artística. Sua habilidade com as palavras continuou a brilhar, levando-o ao 2º lugar na V Ciranda Poetrix em 2024, um reconhecimento que solidificou sua presença no cenário literário.
Com uma combinação única de habilidades em teologia, administração e poesia, Anderson da Costa Neukamp é um exemplo de como a arte e a profissão podem coexistir e enriquecer a vida de uma pessoa, superando suas próprias perspectivas.

Andre Luis Soares

Brasiliense nascido em 1964, criado no Rio de Janeiro, voltou à Capital Federal ao fim dos anos 80 para estudar Ciências Econômicas na Universidade Católica de Brasília. Seu primeiro livro, "Gritos Verticais", recebeu o "Prêmio Cláudio de Sousa", na categoria "melhor livro de poemas" (Petrópolis, 2012). O segundo livro, "Os Irmãos Malês", é o romance vencedor do "Concurso Literário Nacional Novelas Históricas da Bahia", promovido pela Fundação Pedro Calmon em parceria com a Universidade Federal da Bahia (Salvador, 2013). O terceiro livro, "Sobre As Vitórias Que A História Não Conta"

(Brasília, 2016), foi um dos romances vencedores do "I Concurso Literário Nacional Oliveira Silveira", promovido pela Fundação Cultural Palmares, em parceria com o Ministério da Cultura. O quarto livro, "Replantio Em Terra Devastada", trazendo poemas de cunho social, é um dos livros escolhidos para publicação no "Concurso Literário Nacional Machado Preto", promovido pela editora TAUP (Curitiba, 2024). O quinto livro, "As Tonalidades Da Dor", venceu o "Prêmio Álvaro Maia" (melhor romance), no XIII Prêmio Literário Cidade de Manaus (Manaus, 2024), com lançamento previsto para o segundo semestre de 2025 ou para o primeiro semestre de 2026.
No teatro, escreveu os roteiros das peças "Livre Negociação" e "O Menino Que Conversava Com Os Livros", montadas em Brasília (DF) e em Vila Velha (ES), respectivamente. É membro efetivo das academias de letras de Marataízes (ES) e de Guarapari (ES), onde reside há mais de vinte anos.

Argentina Alfredo Banze

É escritora, moçambicana, com um livro publicado pela Fundza Editora em Moçambique (2022), intitulado "Insiste em Ignorar-me". Apaixonada pela literatura, já contribuiu para várias antologias e coletâneas, enriquecendo o panorama cultural com suas reflexões. É mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade do Estado do Amazonas. É graduada em Direito pela Universidade Zambeze e formada em Magistratura Judicial pelo Centro de Formação Jurídica e Judiciária de Moçambique. É apaixonada pela profundidade das emoções humanas, pela beleza das palavras e é na escrita que ela encontra a verdadeira expressão de sua alma.

Bruno Sato Feliciano

Sem informações.

Coracy Teixeira Bessa

Baiana de Salvador, onde nasceu em 24-11-1935, é Médica (pela Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP) e Socióloga

(pela Faculdade de Ciências Humanas (FCH) da Universidade Federal da Bahia (UFBA).
Membro Emérito da Academia Brasileira de Médicos Escritores (ABRAMES). Membro Correspondente da ALPAS 21 (RS), da ALUBRA (SP) e da ALTO (MG). Publicou os livros: Mulheres Milenares (contos), Sementes Amargas e Universo Reverso (romances), Ximbica (relato) pela Garcia Edizioni; Páginas Escolhidas (contos e crônicas premiados em primeiro lugar) pela Assembleia Legislativa da Bahia (ALBA); O Relógio sem Ponteiros (romance juvenil) pela Caravana Editora); Miséria, Loucura e Morte (V Prêmio Travassos - contos premiados ou selecionados) pela Travassos Editora e Apátrida (romance) pela Editora Clube de Autores.
Em atividades paralelas, cursou um ano da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e extraoficialmente, três semestres de Dramaturgia, na Escola de Teatro da UFBA.
Atuou como dramaturga e atriz nas companhias de teatro amador Maturarte e Reluzir, em Salvador.

Daniel dos Santos Vieira

Sem informações.

Divino José da Silva

É formado em Filosofia e professor do Departamento de Educação da FCT/Unesp. Publicou artigos e livros acadêmicos. Na área de literatura este é seu primeiro trabalho publicado, embora, há muito, venha se dedicando, nas horas roubadas, ao exercício da escrita literária, particularmente à crônica e ao conto. Seu maior desejo, hoje, é continuar lendo literatura e ensaiando – quem sabe –, boas histórias, mas tem consciência de que o ato de escrever demanda tempo e o tempo é como um rio caudaloso que flui inexorável. E-mail: divino.silva@unesp.br; divino.js21@uol.com.br

Dyuvania Mara Santos do Nascimento

Natural de São Luís, ilha de encanto e celeiro de grandes escritores, nasceu em 27 de agosto de 1998. Desde criança, foi envolvida pelo

universo literário da cidade, o que despertou sua paixão pela leitura e pela escrita. Aos 12 anos, começou a escrever, mas, tímida, manteve seus textos guardados.
Tudo mudou quando uma professora do Rio Grande do Sul encontrou seus escritos no site Recanto das Letras. Com seu incentivo, decidiu tirar suas obras do anonimato e mergulhar de vez no mundo literário. Esse caminho a levou a integrar a Academia de Letras Machado de Assis como membro correspondente, ocupando a cadeira 06, cujo patrono é Antonio Callado. No dia 17 de dezembro de 2019, recebeu essa honra e seu diploma como acadêmica.
Aos 26 anos, já acumula diversos livros escritos, aguardando a oportunidade certa para publicação. Em 2024, conquistou o 2º lugar no 4° Prêmio Carcará da FCT/Unesp, na categoria Poemas, reafirmando sua dedicação à escrita poética. Seu maior desejo é compartilhar sua arte literária com o mundo.
Sua inspiração vem da sua cidade, das pessoas ao seu redor e das paixões que a acompanham: o rock, a MPB, os animes e o futebol. Esses elementos se entrelaçam em sua criação, dando vida a poemas, romances e contos que traduzem sua visão de mundo. Para conhecer a autora um pouco mais acompanhe o seu Instagram, @dyuvania_moreira e e-mail, dyuvaniasantos@gmail.com.

Eliseu Savério Sposito

É professor emérito da Unesp, campus de Presidente Prudente. É geógrafo, formado pela mesma universidade, nos tempos em que ainda se chamava Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FAFI), onde foi, também, funcionário. Participa, pela segunda vez, do Prêmio Carcará, tendo sido premiado na primeira edição. O nome do prêmio, aliás, deve-se à existência de um jornal estudantil que vigeu nos anos 1970 (Carcará, pega mata e come, alusão a uma música de Zé Keti que se tornou ícone da luta pela democracia), cuja denominação foi por ele proposta, durante o regime militar ditatorial no Brasil. A poesia deste livro (Grafiti) é um grito para que não se esqueça o que foi aquele regime. Como geógrafo, já publicou 30 livros, entre eles Geografia e Filosofia (um dos mais vendidos da Editora Unesp), 71 capítulos e 63 artigos científicos. No campo literário, publicou o conto Redonda bola na Revista do

Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo. Tem interesse no campo musical porque já produziu quatro discos com suas composições (Samba, bossa nova e algo mais, Nosso canto geral, Viver no campo e Cenário). É narrador, também, de um vídeo produzido pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo) intitulado O relevo econômico do interior. Para contatos, seu e-mail é eliseu.sposito@unesp.br.

Fabiano Ferreira Martins

Nasceu na cidade paulista de Rancharia, em 20 de maio de 1993. Filho da pianista e professora de música, Cássia Cristina Porto Martins, e do operário, Edivaldo José Ferreira Martins, licenciou-se com mérito acadêmico em Geografia pela FCT/Unesp de Presidente Prudente - SP no ano de 2019. Reside no município de Bauru - SP, onde já atuou como professor de ensino básico e trabalha como servidor público municipal atualmente. Foi o segundo colocado na 1a edição do concurso literário Prêmio Carcará, organizado pela biblioteca da FCT Unesp no ano de 2021, na categoria "crônicas" e participou em 2024 da coletânea Poesia é Vida, organizada pela Vira-Tempo Editora. Alguns de seus poemas e crônicas estão disponíveis na página no Instagram @verbo_r_ragia, onde também é possível baixar gratuitamente seu primeiro livro, denominado VERBORRAGIA, publicado de forma independente como e-book.

Felipe Andrade Farah

Formado em Direito, pós-graduado em Direito Constitucional, é músico, poeta, compositor. Participou das 6 Coletâneas Literárias da Associação Prudentina de Escritores, da qual faz parte, teve 2 poemas selecionados pelo Concurso Literário de Presidente Prudente 2018 (Clipp), além de 3 poesias selecionadas no 3° Prêmio Carcará da FCT/Unesp de Presidente Prudente. Na área da música, lançou um EP intitulado "A vida é uma novela" e um álbum chamado "Noutro plano", com músicas que passeiam pelo rock e pela MPB, abrangendo crítica, política, filosofia, amor e espiritualidade. Seu Trabalho de Conclusão de Curso está prestes a ser lançado em forma de livro, funcionando como um diálogo

entre dois filósofos, Kant e Hegel, no tocante à eficácia social das normas constitucionais brasileiras. Na literatura e na música já fez poemas e músicas homenageando Erico Veríssimo e Jorge Amado, adora ler, estudar, criar, cantar, compor e tocar violão, valoriza a cultura, a educação, a arte e todas suas vertentes que extrapolam e transcendem as amarras impostas pela vida.

Giselli Hara Macedo

Este é o seu primeiro conto publicado. Tem a Literatura como hobby e está sempre imaginando uma nova história ou personagem. Possui graduação em Ciências Biológicas (Unesp/Assis) e Engenharia de Computação (UNIVESP). Gosta muito das plantas e dos animais e dedica boa parte do seu tempo cuidando de seus pets (gatos e cachorros) e de outros que aparecerem em seu caminho. Além disso, sempre que possível, dedica-se às práticas de yoga e meditação Zen.
E-mail pessoal: gi@hara.ninja e Instagram: @giselli_hara

Guilherme Giesta Figueiredo

Nasceu em 1997 no estado do Rio de Janeiro. É escritor, educador e mestre em História. Publicou em 2020 seu primeiro livro, Trópico de Capricórnio (Luva Editora). E em 2022 o livro Daqui do Décimo Andar (Editora Folheando). Possui ainda poemas publicados em diversas revistas literárias e antologias. Integra o corpo de poetas do Portal Fazia Poesia. Atualmente continua escrevendo e expandindo seus sentimentos para outras artes.

Jeinni Kelly Pereira Puziol

É professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). É defensora da educação pública e do prazer da leitura. A paixão por Lygia Fagundes Telles tem inspirado a travessia para a escrita literária como expressão pessoal e para brincar de aprendiz de feiticeira. Na categoria crônica, foi finalista do 4º Concurso Literário "Prêmio Carcará" (2024) da Unesp. Em outras feitiçarias, já consegue fazer pães e se arriscar em corridas de rua.

Jucilaine Neves Sousa Wivaldo

É autora do livro infantil "A Maleta viajante" publicado nas versões impressa, braile e libras. É organizadora da Coletânea poética "Vozes da terra" assim como coautora em diversas antologias poéticas. É mãe da Maria Cecília e esposa do Adriano. Jucilaine ama atividades conectadas à natureza, tanto que algumas de suas poesias retratam sua experiência de infância na área rural. Essa vivência, inclusive, será cenário do livro "Versos Esquecidos na Gaveta", a ser lançado em 2025 pela Editora Literando. Jucilaine também escreve sobre o trabalho da mulher rural como colunista do jornal Voz de Perdões-MG.

Leila Paula da Silva Morais

Marcou sua estreia na literatura em setembro de 2024 com a publicação do livro "Do Campo à Poesia", livro com o qual participou do prêmio Carolina Maria de Jesus e foi finalista. É autora do Projeto "Sarau Abrindo memórias, construindo Histórias", contemplado pela Lei Paulo Gustavo no ano de 2023. Desde a publicação do livro tem recebido e aceitado convites para palestrar sobre a sua experiência com a escrita a fim de incentivar crianças e jovens a mergulharem no universo literário.
Leila é natural de Bocaina-SP, e ministra aulas de Língua Portuguesa e Geografia no Centro de Ressocialização e em outras duas escolas da Diretoria de Ensino de Jaú.
Incentivou seu pai a publicar o primeiro livro, aos 78 anos, que está previsto até o fim do primeiro semestre e posteriormente pretende publicar seu segundo livro de poesias.
Almeja estudar uma segunda língua e ingressar no mestrado num futuro não tão distante.
Você pode entrar em contato com a Leila através do e-mail leila_bes@hotmail.com , do Instagram @leila_escreve ou do telefone (14) 99179-3414.

Lucas Araújo Martins

É geógrafo, sulamericano do agreste paraibano. Esta é sua primeira experiência na escrita literária. Formado em Geografia pela

Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Atualmente, vive em Presidente Prudente (SP), onde desenvolve o doutorado. Tem profundo interesse pela história brasileira, especialmente temas que envolvem as lutas e as resistências populares.
E-mail para contato: lucas.a.martins@unesp.br

Lucio Rodrigues Junior

É um ator e autor brasileiro que tem se destacado no cenário literário por suas obras envolventes e premiadas. Ele é conhecido por sua habilidade em capturar a essência da vida cotidiana e transformá-la em narrativas profundas e reflexivas. Ele aborda uma variedade de temas profundos e reflexivos em suas obras como identidade, memória, resiliência humana e a passagem do tempo. Além dos temas já mencionados, Lucio Rodrigues Junior também explora outros tópicos em suas obras, como: Natureza e Meio Ambiente, Cultura e Tradições, Amor e Relacionamentos, Justiça e Injustiça, Espiritualidade e Fé e Sonhos e Esperanças. Esses temas são tratados com a mesma profundidade e sensibilidade que caracterizam o trabalho de Lucio, tornando suas obras ricas e multifacetadas.
Contato: atorluciojunior@hotmail.com

Maíra de Oliveira Martins

Tem 33 anos, é mariliense, cidade onde mora desde então. Mãe de um lindo menino de 10 anos, que a incentiva a sempre criar histórias. É psicóloga, mestra em psicologia da educação e doutoranda em educação. Atua como pesquisadora na área de educação estética, sob a perspectiva da Antroposofia. Sua atuação abrange, sobretudo, a vivência com contos e histórias. Esta é sua primeira publicação oficial, embora possua várias histórias infantis escritas e publicadas independentemente. Além de contar e escrever histórias, a autora adora ler contos, aos quais nutrem sua alma, sempre em busca de imagens que traduzam o processo de desenvolvimento humano, individual, social e espiritual. Para saber mais sobre a autora e seus trabalhos, seu contato é maira.oliveira.martins@gmail.com.

Marcela De Araújo Pereira

É professora de Educação Infantil, com especialização em Educação Especial. Apaixonada pela educação e pela inclusão, dedica sua carreira ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que promovem o aprendizado e a participação de todas as crianças. Além da docência, cultiva o gosto pela escrita, encontrando na literatura uma forma de expressar emoções e reflexões sobre a vida.

Marina Barrichello Marone

É ZEN budista e vive em São Paulo. Formada no ensino médio pelo Colégio Dante Alighieri, é estudante do curso de Letras da Universidade de São Paulo. A autora já acumula mais de 40 premiações em Concursos Literários Nacionais e, atualmente, cursa o Laboratório de Contos, dirigido por Tiago Velasco e Vivian Nickel. E-mail para contato marina.b.marone@gmail.com

Maristela dos Santos Freitas

É escritora amadora, apaixonada por literatura e animais. Natural de Rio Negro, Paraná, é graduada em Letras pela Universidade do Contestado, em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional Uninter. Possui pós-graduação em Educação, Neuroeducação e Psicopedagogia.
Com mais de 20 anos de experiência na docência, atua como professora no ensino fundamental e médio na rede estadual de ensino. Sua trajetória profissional reflete um forte compromisso com a educação, unindo conhecimento acadêmico e paixão pelo ensino. Além de sua atuação na sala de aula, dedica-se à escrita como forma de expressão e compartilhamento de ideias, buscando sempre inspirar seus leitores por meio das palavras.
Instagram: @maristela.freitass

Michelle Vanine de Souza Ferreira

É servidora pública e advogada, com uma longa trajetória ligada à escrita, iniciada ainda na infância, quando começou a publicar

livros de contos e poesias. A proximidade contínua com a literatura, explorando diferentes gêneros e temas, enriqueceu tanto sua atuação no campo jurídico quanto suas produções literárias.
Ao longo de sua carreira, Michelle teve seus trabalhos publicados em diversas coletâneas, entre elas o Prêmio de Literatura da Universidade de Fortaleza (Unifor) de 2015, o V Prêmio Ideal Clube de Literatura de 2002, e os XXV e XXVI Concursos Farias Brito de Poesia de 2003 e 2004. Seus textos também apareceram nos jornais Diário do Nordeste e O Povo, além de integrarem a coletânea de crônicas "Pequenos Escritores", publicada pela Editora Verdes Mares.
Autora de dois livros, "O Segredo da Serra" e "História de uma Flor", Michelle explora com sensibilidade uma variedade de temas, refletindo suas experiências pessoais e inspirações ao longo de sua jornada literária.

Neia Marques

Escritora e poeta (08/04/1969), Graduada em Recursos Humanos, pós graduada em Docência de Teologia e em Escrita criativa (NESPE); em 2018 publicou o livro de poesias "A menina que morava em mim"; em 2021 publicou o romance "Lapidaria" (Editora Patuá); em 2022 o livro de não-ficção "Sete lições que aprendi com os idosos"; em 2023 o livro de poesias "Engenho de Dentro"; e em 2024 o livro de contos "Minha Gente" (Editora Patuá); além de "Parda" (concluído), está escrevendo o romance "A Mobilidade da Pedra"; e o Livro "Relacionamentos Abusivos, mulheres em Perigo", contemplado pela Lei Aldir Blanc 2024. Participou de várias coletâneas de contos e poesias, e é membro da APE – Associação Prudentina de Escritores.
PRÊMIOS: Em 2020 Ganhou o Prêmio Benjamin Resende, e em 2023 ganhou o Prêmio literário Carolina Maria de Jesus - MinC com o livro Parda.

Patricia de Almeida Dantas

Pedagoga, especialista em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Gestão Educacional. Com mais de vinte anos de experiência no setor

educacional, atualmente se dedica à temática de gênero, com ênfase na violência psicológica.
Idealizadora de obras significativas, organizou três coletâneas literárias que abordam os direitos humanos e publicou o livro de não-ficção intitulado "Mulheres Correm Perigo". Este trabalho foi aprovado pelo edital Federal de Chamamento Público para projetos da Lei Paulo Gustavo e visa esclarecer os perigos enfrentados por pessoas em situações de violência, especialmente mulheres. A obra busca ressignificar a dor em empoderamento, incentivando outras mulheres a reconhecerem sua força interior e a se libertarem de ciclos de violência.
Mãe solo e sobrevivente de relações abusivas, Patrícia utiliza a escrita como uma ferramenta de cura e luz em sua vida. Ela acredita que a arte possui a capacidade de atribuir sentido à existência.
No cenário poético a autora se destaca com o poema "Mulher em Combustão", que conquistou o primeiro lugar no 18º Prêmio Lila Ripoll de Poesia. Além disso, seu poema "Grito em Versos" a torna a única brasileira com um poema aprovado na antologia "Grito", uma iniciativa do festival "Grito de Mulher", realizado na República Dominicana. Este evento reúne talentos de artistas visuais, poetas e músicos de todo o mundo, comprometidos em utilizar suas produções artísticas para fomentar o combate à violência contra a mulher.
Para contatar a autora, acesse o site www.quebrandosilencio.com.br ou o WhatsApp (84) 98706-4867.

Paulo Ismar Mota Florindo

Nascido e residente em Alegrete, RS. Cursou Economia, especialista em Marketing e RH. Trabalha no que gosta, mas escrever é uma de suas paixões. Em 56 anos de vida, a escrita o acompanha, relativamente, há pouco tempo. Selecionado, publicado e premiado em diversas coletâneas e concursos nos gêneros poesia, conto e crônica. Um romance escrito, ainda, não publicado e três a caminho.

Pedro Henrique Lins dos Santos

Graduando em Relações Internacionais na FCHS-Unesp, Pedro Henrique Lins dos Santos (2006) nasceu na cidade de Santo André, São Paulo, mas logo mudou-se para Presidente Prudente a fim de

passar sua juventude inerte às inúmeras e belas praças do interior.
Filho de uma licenciada em Letras e de um bacharel em Direito, considera a Literatura sua velha amiga e fiel companheira; boa ouvinte de suas confidências e epifanias mirabolantes.
Começou a escrever porque precisava de algo que lhe fizesse bem. Acredita que a relação entre o autor de um livro e seu respectivo leitor trata-se do mutualismo mais edificante possível entre dois seres humanos distintos.
Sua participação no 4º Prêmio Carcará marca o início de sua entusiasmada carreira como escritor, bem como evidencia tematicamente o amor que guarda pelas disciplinas de História e Geografia.
Para contatos, seu endereço de e-mail é pedrohenriquelinsdossantos@gmail.com.

Rafaela Aparecida Schendroski Silva

É coautora de mais de uma dezena de obras voltadas ao ensino-aprendizagem de idiomas e à educação em geral.
Com textos de ficção, participou de várias coletâneas de (micro) contos, poesias e crônicas. Venceu alguns concursos literários e alcançou boa colocação em outros tantos, como este. Em 2023, lançou seu primeiro livro solo, O Voo e a Pirueta (The Flight and the Pirouette), livro infantil bilíngue (português-inglês), em formato de poema rimado. A publicação foi resultado da vitória no "2º Concurso Literário Artêrinha", da Editora Appris, de Curitiba, tendo concorrido com mais de mil obras. É professora particular de inglês e de português para estrangeiros, tradutora, intérprete, preparadora de texto, revisora e escritora.
Graduada em Letras pela Universidade Metodista de Piracicaba (2005) e pós-graduada em English Teaching Methodology; Linguística Aplicada à Educação; Docência da Língua Portuguesa para Estrangeiros e Metodologias Ativas na Educação.
@rafaelaschendroski / @teacher_rafaela

Robinson Silva Alves

Possui diversas premiações literárias e participações em revistas de poesias ao longo de 27 anos de produção e escrita poética. Premiado

nas seguintes instituições: UFF, UESC, INSTITUTO PIAGET, UFSB, entre outros.

Schleiden Nunes Pimenta

Poeta, contista, cronista e romancista, tem 7 livros publicados, além de mais de 50 prêmios e 200 seleções em antologias organizadas por revistas, editoras, coletivos e entidades públicas dentro e fora do Brasil. Escritor e advogado, tem formações nas áreas de Letras, Direito e Filosofia. Atualmente, atua com comunicação e gestão de pessoas, em suma como conciliador e pacificador de conflitos. Embora escreva de tudo, desde horror a fábulas infantis e de cordéis a romances, suas histórias são marcadas quase sempre pelo trato com o fantástico, o mistério e o absurdo. Ele é um vegano defensor do meio ambiente e dos direitos de todo tipo de vida, questões que também costumam permear a sua criação.

Sebastião Amâncio da Silva

É alagoano de Passo de Camaragibe e radicado na cidade de Palmas, no Paraná. Licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR. É autor do romance "O menino do Passo"; "Cabra marcado pelo destino"; "Roman e o segredo da floresta encantada" e "Memorial Poético Brasileiro". Tem participação em várias antologias poéticas, sendo premiado em 2023 com o 1° lugar no VI Concurso de Poesias da ACLAOB (Academia de Ciências, Letras e Artes de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema "O moderno tupiniquim". É ainda cronista e contista, imortal da Academia Interamericana de Escritores (AINTE) e professor na educação básica no Paraná.

Thaise Lis Nascimento

É amante de literatura, psicologia, jornalismo e música. Estudou Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, pela Universidade Anhembi Morumbi.
Poeta, contista e musicista, ela se considera uma eterna aprendiz, sempre aberta à fé, à diversidade e à serendipidade da vida. Participou

de várias coletâneas de concursos literários, buscando sempre transformar suas palavras em reflexões e emoções.

Therys Vinícius Domingos Barbosa Pereira

Nascido em Nazaré da Mata, Pernambuco, e atualmente com 27 anos. É pedagogo e tem um olhar atento para a educação e o desenvolvimento humano. Além de sua atuação na área, cultiva uma forte conexão com a escrita, especialmente por meio da poesia, onde expressa seus sentimentos, reflexões existenciais e metáforas profundas sobre a vida, o amor e a identidade.
Tem uma visão intuitiva sobre filosofia e psicologia e se interessa por temas como autoconhecimento, relações humanas e a complexidade do universo. Seu estilo de escrita transita entre o minimalismo e o lirismo, explorando múltiplas camadas de significado e interpretação.

Vicente Geraldo de Melo Neto

Mais conhecido pelo nome artístico de Vicente de Melo, professor aposentado, de Brasília, como escritor venceu o "Prêmio SESC de Contos Machado de Assis", edição 2005, realizado pelo SESC-DF, e o "Prêmio Amazônia de Literatura", 2ª edição, 2021. Tem cinco livros publicados, sendo um romance e quatro coletâneas de contos. O romance, "A saga de um candango", selecionado entre os escritores do Distrito Federal, foi lançado na II Bienal do Livro e da Leitura de Brasília, em abril de 2014. Com seu livro mais recente, "Contos de mendigos, putas e outros párias", lançado em 2023 pela Editora Folheando, participou das 3ª e 4ª noites de autógrafos, 2023 e 2024 respectivamente, realizadas pelo Sindicato dos Professores do Distrito Federal - SINPRO-DF. Além disso, conta ainda com inúmeros contos avulsos publicados em coletâneas de livros e revistas, impressos e virtuais, todos premiados em concursos nacionais e internacionais.

Wesley Ribeiro Silva
Sem informações.

Focalizando Fatos

"Que a memória do passado nos guie,
Para que nunca mais se repita a opressão.
E que a democracia, firme, sorria,
Nos corações de toda a nação"

Lucio Junior Rodrigues



Nesta quarta edição, o concurso buscou refletir acerca dos 60 anos do golpe de 1964 e dos 40 anos do movimento das Diretas-Já, efemérides fundantes dos processos de (re)construção da democracia em nosso país, ainda que em momentos distintos e com consequências diversas. Os autores refletiram sobre esses acontecimentos à luz do que somos hoje e do que pretendemos alcançar em relação aos direitos, liberdades, inclusão e diversidade.

Livros para serem lidos

DEMOCRACIA E CIDADANIA: PARA ALÉM DE SONHOS E UTOPIAS

4º PRÊMIO CARCARÁ

ISBN: 978-85-68898-64-2
CDU
9 788568 898642

Realização
FCT Faculdade de Ciências e Tecnologia Câmpus Presidente Prudente
BIBLIOTECA - FCT
COMITÊ DE AÇÃO CULTURAL FCT-UNESP

Apoio
unesp
Fundunesp
REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNESP